

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

VANDERLEI DE CASTRO E SILVA

**A ATUAÇÃO DAS MULHERES NOS PRIMÓDIOS DA MISSÃO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS MULHERES REPRESENTADAS NOS EVANGELHOS.**

Goiânia
2022

VANDERLEI DE CASTRO E SILVA

**A ATUAÇÃO DAS MULHERES NOS PRIMÓDIOS DA MISSÃO:
UMA ANÁLISE SOBRE AS MULHERES REPRESENTADAS NOS EVANGELHOS.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Dr. Frei Flávio Pereira Nolêto, OFM

Goiânia
2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

Por ter sido formado em um sistema totalmente matriarcal, onde a mulher ocupou o cargo de provedora, tirando da terra o sustento e conseqüentemente a sobrevivência familiar, me fez compreender que a mulher sempre foi vista em minha realidade como uma líder. As mãos da minha mãe sempre apontaram o caminho a seguir. A força que emanava de minha avó me impulsionou para o bem. E assim, todas as vezes que a matriarca falava, todos silenciavam. Deste modo, dedico o redigir dessas linhas à minha mãe, Sergia Moreia, e a minha avó, Isabel Maria (*in memoriam*).

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente ao bom Deus, essa força suprema que me acompanha desde o início de minha jornada. Aos meus familiares, na pessoa de minha mãe Sergia Moreira, de minha irmã Elda de Castro e do meu primo Júnior de Castro, por serem eles os meus maiores incentivadores. Agradeço à Província do Santíssimo Nome de Jesus do Brasil e à toda Ordem dos Frades Menores que me acolheram como frade menor me agregando a grande família franciscana. Agradeço ao meu formador do pós-noviciado, Frei Alex Oliveira Almeida, OFM e a toda fraternidade do Convento *Regina Minorum*, de modo especial deixo os meus agradecimentos ao Frei Dalton Machado, OFM, que se encontra em missão nos Estados Unidos, um grande e especial amigo que levarei sempre comigo. Agradeço aos confrades Frei Marco Aurélio e Frei Jair da Cruz, que me convidaram a fazer o discernimento vocacional com os menores. Agradeço aos meus leitores, Frei Ronildo Arruda, OFM e ao Ir. Marcos Divino Amaral, SPadV, que com muita disposição e carinho aceitaram esse ofício. Agradeço aos meus colegas de turma e a todo o corpo docente que me ajudaram em minha formação acadêmica. E, por fim, agradeço também ao meu orientador, Frei Flávio Nolêto, OFM, que com disponibilidade e paciência, me acompanhou de forma fraterna na realização deste trabalho.

Paz e bem!

“Amar é acolher, é
compreender, é fazer o outro
crescer.”

Zilda Arns

RESUMO

Dentro de um ambiente em que o destaque se dava a figura masculina é possível perceber a ênfase das mulheres ao aderirem à fraternidade do Senhor. Elas por meio do acolhimento souberam dar voz no que se relaciona ao ofício de anúncio quando se fazem leais na extrema radicalidade do servir. Utilizando como ponto de partida essa postura que muitos teólogos e historiadores colocam em relação a figura feminina, o presente trabalho pretende ler, teologicamente e espiritualmente, a atuação das mulheres nos primórdios da missão ao se fazer uma análise sobre as mulheres representadas nos Evangelhos. Para isso, estrutura-se em três capítulos. O primeiro, parte de uma contextualização mais abrangente a respeito da proposta missiológica de Jesus, considerando um sentido de missão totalmente espiritualizado e de obediência daquele que faz a experiência de um novo estilo de vida. O segundo, concentra-se na figura feminina e seu contexto de época citado nos quatro Evangelhos por terem sido também, elas, inseridas na proposta de missão. Por fim, o terceiro capítulo apresenta a atuação da mulher em seus serviços de anúncio do Reino colocando em evidência aquelas que de forma mais expressiva estiveram ao lado do Mestre se fazendo seguidoras e missionárias com Ele. Deseja-se com o estudo realizado contribuir e fortalecer o debate de cunho teológico ao demonstrar o forte papel desempenhado pelas mulheres no âmbito de seguir e servir na fidelidade de quem as envia para a missão.

Palavras-chave: missão, mulher, anúncio

RESUMEN

Dentro de un ambiente en el que se destacó la figura masculina, es posible percibir el énfasis de la mujer en unirse a la fraternidad del Señor. A través de la acogida, supieron dar voz en lo que se refiere al oficio de anuncio cuando se vuelven fieles a la extrema radicalidad del servicio. Tomando como punto de partida esta actitud que muchos teólogos e historiadores sitúan en relación a la figura femenina, el presente trabajo pretende leer, teológica y espiritualmente, el papel de la mujer en los inicios de la misión al analizar a las mujeres representadas en los Evangelios. Para ello, se estructura en tres capítulos. La primera parte de una contextualización más amplia respecto a la propuesta misionológica de Jesús, considerando un sentido de misión y obediencia totalmente espiritualizado de quien experimenta un nuevo estilo de vida. El segundo se centra en la figura femenina y su contexto del tiempo mencionado en los cuatro evangelios porque también se incluyeron en la propuesta misionera. Finalmente, el tercer capítulo presenta el papel de la mujer en sus servicios para el anuncio del Reino, destacando a aquellas que estuvieron más expresivamente al lado del Maestro, haciéndose seguidoras y misioneras con Él. Con el estudio realizado se espera contribuir y fortalecer el debate teológico demostrando el fuerte papel que juega la mujer en el contexto del seguimiento y servicio en la fidelidad de quienes las envían a la misión.

Palabras clave: misión, mujer, anuncio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A PROPOSTA MISSIOLOGICA DE JESUS	12
1.1 CONCEITUAÇÕES DA MISSÃO	12
1.2 A MISSÃO DE JESUS	14
1.3 OS SEGUIDORES DO SENHOR	17
1.4 KERIGMA: A PRÁTICA DA MISSÃO	19
2 A FIGURA FEMININA NA REALIDADE DE JESUS	22
2.1 A EXISTÊNCIA FEMININA	23
2.2 JESUS E AS MULHERES	25
3 MULHER E MISSÃO	31
3.1 A CONTRIBUIÇÃO E O DESEMPENHO QUE AS MULHERES TIVERAM PARA A REALIZAÇÃO DA MISSÃO EVANGÉLICA	31
3.2 O DICIPULADO DE MARIA	34
3.3 A DIACONIA DE MARTA	38
3.4 O APOSTOLADO EM MARIA MADALENA	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Os assuntos relacionados a figura feminina sempre estarão em evidência. Não é de hoje que o tópico “mulher” é um assunto que é polêmico e de conteúdo bem extenso, ou seja, em torno de tais personagens existe uma gama que proporciona muitas discursões e análises. Levando em consideração o protagonismo da mulher no período bíblico, é preciso em um primeiro momento, pontuar que as mesmas estão incorporadas a uma cultura patriarcal, na qual, a figura masculina se destaca em todos os sentidos. O interesse por tão tema é dar ênfase a duas realidades bem marcantes na Sagrada Escritura, que é a missão e a mulher como ser protagonista desse ato. Sendo assim, o presente trabalho será realizado com a proposta de relatar a atuação das mulheres nos primórdios da missão ao fazer uma análise sobre as mulheres representadas nos Evangelhos. Fundamentada na palavra de Deus e alicerçada em grandes teólogos e historiadores, será apontado aqui, de forma didática e orante, a existência de mulheres ao qual, dentro do sistema patriarcado que as silenciavam e ditavam o destino das próprias, elas contribuíram ativamente e integralmente para a realização da ação missionária de Jesus. Elas foram sinais de fé atuando como agentes participantes e realizadoras da missão dentro da comunidade.

Entre as inúmeras disciplinas que compõe o curso de teologia é a missiologia que nos leva a entender que a missão é uma via que nos possibilita a pôr em prática os ensinamentos de Jesus. Em uma primeira abordagem é possível apreender que o próprio Cristo é por maestria o exemplo de missão. E estar junto a Ele, tomando posse de seus exemplos e vivência, faz com que todos que acolhem os seus princípios, encontram-se como seguidores do Mestre ao se fazer missionários. Dando destaque ao interesse da pesquisa, pode-se pontuar que uma das proezas de algumas mulheres foi o de pôr-se a serviço, mas isto é, um servir que não se restringe aos afazeres domésticos, como no cuidado da tenda, o zelo do clã. O assistir em foco, é denominado de *Kerigmático*, ou seja, por intermédio de uma forte experiência de fé. As narrativas evangélicas demonstram que houveram mulheres que ao cruzarem o caminho de um certo Galileu se colocaram a segui-Lo. Essas mulheres abraçaram um novo ideal de vida e abriram-se a missão. Sendo assim, é levantado o seguinte problema: Como como tal processo missiológico se desenvolveu? E ainda, quem são tais mulheres que abraçaram a causa Cristológica e ajudaram de forma fecunda na

disseminação do Reino de Deus? Vale destacar que tais indagações é de uma extrema relevância, pois nos possibilitam a pensar e assim responder se de fato existiu uma determinada passividade da parte delas.

Posto tais questionamentos, a presente obra terá como objetivo geral nos dirigir a uma profunda reflexão sobre a contribuição e o desempenho que as mulheres tiveram para a realização da missão evangélica ao abraçarem uma nova realidade de vida espalhando a Boa Nova e contribuindo, de maneira efusiva, no anúncio do Reino de Deus. Seguindo esse princípio, será feito o caminho que passa pelas dimensões que abrangem a ideia de missão na esfera teológica e como deu-se a atuação feminina nas frentes de missões em meio a um sistema que as avassalavam.

Para alcançar tais fins o trabalho se estrutura em três capítulos, subdivididos, conseqüentemente, em tópicos. O primeiro aborda a proposta missiológica de Jesus, dado que em sua Pessoa encontra-se toda a centralidade missionária. Dentro desse contexto, será enfatizado quem são de fato os seguidores do Messias, elencando quais são os critérios necessários para que se adentrem ao projeto de Cristo, que por sua vez, leva em sua essência o *kerigma*, o anúncio do Reino de Deus.

Já o segundo capítulo adentra na profundidade da figura feminina na realidade de Jesus, dando um parecer como era a existência da mulher como um ser vivente dentro de uma sociedade que as marginalizavam, e de que modo era o relacionamento de Jesus com o sexo feminino. Por fim, o terceiro capítulo trará o exemplo de algumas dessas mulheres ao explanar a figura de Maria, mãe Jesus; de Marta, irmã de Maria e Lázaro e de Maria Madalena, a apóstola dos apóstolos. Aqui, nesse ponto, será pontuado de maneira sucinta e aprazível a discípula, a diaconia e o apostolado dessas fortes mulheres. Em outras palavras, o papel que cada uma delas desempenharam no que tange aos seus ministérios.

Por ser um homem livre e também por ser a nova lei, Jesus passeia no meio de todos estando sempre à margem com aqueles que se encontram. Dessa forma, o Senhor anuncia e convida. Este seu convite envolve o todo, de judeus a pagãos, publicano ao pescador e, nesse contexto, situa-se a mulher. Os evangelistas demonstram que as mulheres, sem titubarem, abraçaram o chamando ao se colocarem na missão como testemunhas da misericórdia de Deus e principalmente no anúncio do Reino. A missão proposta e ensinada por Jesus é inclusiva, ela é pariforme para todos.

1 A PROPOSTA MISSIOLOGICA DE JESUS

Cristo Jesus, de fato foi enviado ao mundo como verdadeiro mediador entre Deus e os homens. (*Ad Gentes*, n.3)

Não é possível separar a missão da pessoa de Jesus Cristo. Para compreender o envio missionário, a Igreja em saída, é preciso um olhar atento para o Mestre, pois é por intermédio Dele que se adentra na obediência, que se coloca na itinerância e por fim, efetua-se o anúncio. Aderir ao projeto de Jesus, é fazer-se parte de uma só família, é ser cristão, é estar constantemente em missão.

1.1 CONCEITUAÇÕES DA MISSÃO

Dentro do contexto teológico existe uma gama de disciplinas denominadas teologia sistemática¹ e teologia pastoral, que por sua vez impulsiona o futuro teólogo a perscrutar com mais intensidade e sistematicamente os variados temas bíblicos e até mesmo a vida e os feitos de Jesus Cristo (Cristologia). É dentro desse conjunto que se encontra uma disciplina chamada missiologia², posto que, tratará da Teologia da Missão, abarcando dessa maneira a relação entre Igreja e mundo, apresentando o pressuposto hermenêutico da missão como a fundamentação bíblica e histórica da mesma, além da relação Igreja e missão e os desafios socioculturais e religiosos para a missão da Igreja.

¹ A palavra “teologia” vem de duas palavras gregas que significam “Deus” e “palavra”. Combinadas, temos a palavra “teologia”, que significa “estudo de Deus”. A palavra “sistemática” se refere a algo que colocamos em um sistema. Teologia sistemática é, então, a divisão da Teologia em sistemas que explicam suas várias áreas. Por exemplo, muitos livros da Bíblia dão informações sobre os anjos. Nenhum livro sozinho dá todas as informações sobre os anjos. A Teologia Sistemática coleta todas as informações sobre os anjos de todos os livros da Bíblia e as organiza em um sistema: Angelologia. Isto é a Teologia Sistemática: a organização de ensinamentos da Bíblia em sistemas de categorias. Disponível em: Vida de Teólogo: Por que teologar é preciso...<<https://vidadeteologo.com.br/o-que-e-a-teologia-sistemica/>>. Acesso em 02 fev. 2022.

² Missiologia (lat. *Missio* “envio”; gr. *Logía* “estudo”) ou Teologia de Missões é um ramo da Teologia que estuda as missões, que são ações de programação de uma religião. No Cristianismo, a Missiologia é uma subdisciplina da Teologia Pastoral. A missiologia deveria ser fundamento dinâmico de todos os estudos teológicos e o coração da eclesiologia. Em outras palavras a missiologia estuda a REALIDADE missionária e REFLETE sobre a tarefa missionária dos cristãos na Igreja e na Sociedade (Ano Nacional do Laicato). Fonte: Novo Testamento – edição de estudos. São Paulo: Ave Maria, 2009.

Enfim, antes de adentrarmos na proposta missiológica de Jesus Cristo, faz-se necessário compreendermos a dimensão do termo missão. É preciso aprofundar-se em tal conjuntura para assim darmos passos profundos em tão rica vivência.

De uma maneira objetiva vejamos o conceito de missão.

Alguns autores da área da Missiologia, a exemplo do padre José Panazzolo, que escreveu uma obra intitulada *Missão para todos: introdução à missiologia*, dirá que:

A missão só tem uma origem: tudo brota do coração do Pai, “o amor fontal”. A fonte da missão é o projeto de Deus Pai, que é amor. Esse projeto do Pai é a criação, ou seja, é a vida, vida comunicada. É a criação do mundo, do homem como centro, do casal humano, isto é, do homem e da mulher para viver a comunhão e humanizar a criação, enchendo-a de vida. Deus chama este ser humano a viver a comunhão com Ele, a participar plenamente de sua vida (PANAZZOLO, 2019, p.12).

Num primeiro momento, percebe-se que o autor apresenta um sentido de missão totalmente espiritualizado. De forma orante é dito que a missão emana totalmente de Deus. Deus é o ponto de partida. Porém, dando prosseguimento a sua elaboração, o autor continuará dizendo que:

O sentido da palavra Missão é simples e claro: pela etimologia significa “enviar”. É o envio de uma pessoa ou de pessoas para um determinado lugar ou situação com uma determinada finalidade ou tarefa, para uma pessoa ou mais. Esse sentido etimológico, propriamente, não especifica o caráter da missão. Não tem, ainda, nenhum envolvimento vital. Pode exprimir tarefas diversas relacionadas a diferentes dimensões da vida social, cultural, política, religiosa, espiritual [...] É necessário, pois, ver a natureza ou o caráter da atividade/tarefa que o “enviaste” confia ao “enviado”. Deve-se também determinar o “destinatário”. Por isso, o conceito de missão é mais amplo, mais envolvente, principalmente para a dimensão religiosa, para o cristianismo. A missão compreende a pessoa, que envia com uma mensagem; o enviado, que deve anunciar ou testemunhar; e o destinatário, a quem é enviada a mensagem (PANAZZOLO, 2019, p.12).

Ou seja, o enviar pode corresponder à essência da missão, que por sua vez, envolve um emissário que é enviado por alguém; abrange e porta uma mensagem, que será enviada e entregue a um destinatário. Anexo a essa conjunção, a autora Eliete Silva Pereira das Neves, traz a imagem de comunhão associada ao ideal de missão. Segundo a autora, “A origem da Missão tem somente uma fonte, que é o projeto de Deus, fonte de amor” (NEVES, Eliete, 2009, p.3); até aqui, percebe-se que a autora comunga da definição espiritual de missão exportada e apresentada pelo padre José Panazzolo. Nessa via, é apresentado que a missão é fruto de um Deus que se relaciona, comunica, propõe aliança e mana amor; pois “Ele criou o homem e a

mulher, tendo-os como fonte a Missão de seu projeto, para viverem em comunhão com Ele na plenitude de sua vida” (NEVES, Eliete, 2009, p.3). Isto significa que a noção de missão vai além da definição de enviar, visto que por trás do envio encontra-se o congregar, o aproximar, a unidade, a comunhão entre homem e Divindade.

Compartindo dessa realidade, a Igreja dirá por intermédio da carta encíclica *Redemptoris missio* do sumo pontífice João Paulo II, sobre a validade permanente do mandato missionário, que “O impulso missionário pertence, pois, à natureza íntima da vida cristã, e inspira também o ecumenismo: “que todos sejam um [...] para que o mundo creia que Tu Me enviaste (Jo 17,21)” (PAPA, J. Paulo II, 1991, n. 1), dessa maneira, a missão é uma existência totalmente cristã, é a vontade do Pai que consolida-se por meio daqueles que aderem ao seu projeto e que colocam na prática os ensinamentos de Jesus que ao cumprir o mandato do Pai inaugura uma ação filial, na qual, por intermédio de Cristo, tornamo-nos uma só família (cf. Ef 2,19-22).

1.2 A MISSÃO DE JESUS

Por intermédio dos Evangelhos, sinóticos e João, descobre-se quem foi Jesus de Nazaré, constata-se os seus feitos (ensinamentos, milagres, missão) e propósitos. Conforme a autora Eliete Neves, “Os Evangelhos são gravações vivas da pregação missionária” (NEVES,2009, p.48). Posto isto, tais escritos é uma valiosa fonte que demonstra não apenas o Cristo, mas faz uma apresentação de quem são aqueles que conviveram com o Senhor, comungaram dos seus ensinamentos, mudaram de vida e colocaram-se em missão. Como diz o autor Padre Paulo de Coppi:

Não é o missionário que leva o Evangelho, mas é o Evangelho, a força de Deus, que põe o missionário a caminhar. O apóstolo é o primeiro a ser tocado pela missão do Verbo. E sem esta marca, não há apóstolos nem missão (COPPI, 1994, p.133).

Sendo assim, os Evangelhos nos leva a entender que Jesus foi enviado, e ao colocar-se em cumprimento ao envio do Pai, pode-se considerar a idéia de obediência, ou seja, aqui o ato de obedecer está totalmente vinculado à prática missionária. A missão de Jesus começa com a vontade do Pai, e ao entrar na obediência (cf. Jo 6,38-39), Ele é enviado, e ao ser encaminhado ocorre a *Shekinah*³

³ A palavra *shekinah* tem várias grafias, entre elas, *shekiná*, *shechina* e *shekina*. De acordo com o dicionário Hebraico-Português, o verbo hebraico “*shachan*” se traduz por habitar ou morar, como

e conseqüentemente o Pai é revelado. No parágrafo cento e quarenta e três do texto-base da Campanha da Fraternidade 2022, é exposto que:

As Sagradas Escrituras apresentam a imagem de um Deus que se revela às criaturas dentro de contextos históricos e culturais. Contemplando os mistérios da vida de Cristo não é de se surpreender que o Filho de Deus viveu, falou, foi educado e adorou o Pai como um judeu do seu tempo (CNBB, 2021, p. 94).

O próprio Deus fez-se homem e, na condição humana, Ele ensina e encoraja homens e mulheres a seguirem os seus passos, fazendo-os praticantes da misericórdia, da caridade para com o seu próximo, além de fomentar o amor fraterno no núcleo da comunidade. Em outros termos, Jesus inaugura uma nova realidade de vida, o Reino de Deus, que segundo a autora Eliete Neves, “a visão central da missão de Jesus são os ensinamentos sobre o “reino de Deus” que o personificaram e ele exemplificou durante todo o seu ministério” (NEVES, 2009, p.48). Dentro dessa perspectiva, o autor Willibaldo Ruppenthal Neto (2020), expõe em seu artigo que:

A pregação de Jesus era fundamentalmente o anúncio do Reino de Deus. Suas exortações, parábolas, profecias e mesmo as bem-aventuranças, eram centradas e direcionadas no Reino de Deus, buscando explicá-lo, anunciá-lo ou mesmo realizá-lo no mundo. Cabe aos cristãos, uma vez que se declaram seguidores e imitadores de Jesus, buscarem compreender o Reino na pregação de Jesus, a fim de que seu ministério tenha continuidade em plena integridade, de modo que a igreja seja de fato o corpo de Jesus Cristo no mundo. A pregação cristã, portanto, deve incorporar a pregação de Jesus do Reino de Deus.

Dessa forma é assertivo dizer que a missão de Jesus foi fazer que todos tomassem conhecimento e experimentassem um novo modo de vida; modo este, que se alicerça totalmente na justiça, na libertação dos oprimidos e no amor do Pai, no amor mútuo. Segundo Albrecht Ritschl (1875, p.21), o Reino de Deus se trata da

também, a palavra "*shikan*", se traduz por alojar ou instalar. As duas palavras possuem a mesma raiz da palavra *shekinah*, que significa "Divina Presença" ou "em quem Jeová habita". *Shekinah* é uma palavra que aparece com frequência na Bíblia hebraica, indicando a presença de Deus. Muitos cristãos também consideram que a palavra *Shekinah* é referenciada também no Novo Testamento, em diversos textos, com representação simbólica da presença divina habitando no meio do povo. Muitas vezes *Shekinah* é representada pela nuvem, como é possível verificar na passagem Êxodo 40,35 "Moisés não pôde entrar na tenda da reunião, porque a nuvem tinha pousado sobre ela e a glória de Javé enchia o santuário". Muitas vezes é representada pela "Glória Divina que habitava a terra" como no Salmo 85, 8-9 "Vou escutar o que diz Javé: Deus anuncia a paz ao seu povo e seus fiéis, e aos que se convertem de coração. A salvação está próxima dos que o temem, e a glória habitará em nossa terra". Disponível em: [Significados <https://www.significados.com.br/shekinah/>](https://www.significados.com.br/shekinah/). Acesso em 28 nov. 2021.

unidade dos seres humanos organizados de acordo com o amor. E conforme os autores Annette Merz e Gerd Theissen, na obra *O Jesus Histórico*, “Ela começa no interior das pessoas (cf. Lc 17, 20s: o reino de Deus está em vós) e se impõe num desenvolvimento dentro da história” (MERZ; THEISSEN, 2002, p.265). Isto é, em Jesus inicia-se um reinado divino, dinastia esta, que se faz conhecer por meio de suas palavras e ações. O teólogo Rinaldo Fabris, chega a reforçar que “o núcleo em volta do qual gravitam o ensino e a atividade histórica de Jesus consiste no reino de Deus” (FABRIS, 1988, p.104). Com Jesus o Reino de Deus se tornou presente, e o centro desse anúncio do reino não era Jesus, mas sim, o Pai, o *Abbá*. Fala Rahner (1972, p. 29): que “Jesus pregou o Reino de Deus e não a si mesmo”.

Conforme o autor Afonso Garcia Rubio:

Tanto nas bem-aventuranças quanto no pai-nosso está bem claro que o Reino de Deus é um dom do amor do próprio Deus. É um dom totalmente gratuito. O Reino vem, assim, pela ação e pela iniciativa de Deus. Constitui um dom tão valioso que não existe esforço humano capaz de conquistá-lo ou de compra-lo: só pode ser recebido como dom. Ao ser humano cabe abrir-se a esse dom estupendo, acolhendo-o com alegria e gratidão. O Reino é, pois, obra de Deus e só este pode oferecê-lo ao ser humano (cf. Lc 12, 32; 22,29-30; Mt 25,34; Mc 4,26-29...) (RUBIO, 2003, pp.38-39).

Por trás desse gesto de amor, entende-se que “o Plano de Deus é um plano de salvação e de comunhão que brota da caridade de Deus Pai” (PANAZZOLO, 2019, p.22); resumidamente, a missão de Jesus pode ser compreendida da seguinte forma, em primeiro lugar ela parte da obediência, onde Ele se coloca na condição de servo, o servo obediente (cf. Lc 22,14–56); em seguida dar-se a proclamação do Reino (cf. Lc 4,43), que por fim resumirá na Salvação do homem (cf. Lc 19,10).

Em síntese, “a missão tem sua origem em Jesus Cristo, enviado do Pai no poder do Espírito Santo” (PANAZZOLO, 2019, p.26), ou seja, a missão é totalmente Cristocêntrica, pois “Jesus Cristo, único mediador, é o revelador do mistério divino no mundo” (PANAZZOLO, 2019, p.26); Jesus é o missionário por excelência, Ele é o modelo de missão, é o parâmetro que impulsiona aqueles que aderem ao seu projeto. É preciso considerar que os passos do missionário são os mesmos passos do Senhor, que por sua vez trata-se de pegadas profundas e transformadoras.

1.3 OS SEGUIDORES DO SENHOR

A adesão a Jesus Cristo exige a fé em Deus Pai, que no decorrer da história tem feito alianças com os seus filhos suscitando, dessa forma, o espírito de fidelidade. Unir-se a Jesus demanda humildade e pureza de coração, pois é através desses elementos que o discípulo deixa-se moldar, e por fim, para fazer parte da missão, é necessário ter coragem para anunciar, levar a verdade, apresentar a salvação. De acordo com o texto-base da Campanha da Fraternidade 2022 parágrafo cento cinquenta e cinco:

A comunidade dos discípulos assumiu com coragem o mandado missionário conferido pelo Senhor Ressuscitado. O “ide e ensinai” (Mt 28,19-20) impulsionou a vida dos discípulos, que assumiram a tarefa de anunciar e iluminar o mundo com a audaz proposta do Evangelho. Os discípulos e discipulas, marcados pelas lições aprendidas com o Mestre, testemunhavam em sua ação missionária a pedagogia do amor, do diálogo, da compaixão e do cuidado com a vida (CNBB, 2021, p.100).

Aquele que se designa, ou melhor, se intitula cristão, deve ter em sua essência o próprio Cristo, tornando-se assim um verdadeiro sinal de fé. Para esse ofício, o de fazer-se cristão, é exigido que os mesmos sejam três realidades distintas que ao serem fundidas dar sabor ao que é insosso (cf. Mt 5,13-16), faz crescer e gerar a confiança ao que tem desesperança, e por último, clareia e dissipa as trevas; ou seja, o cristão é chamado a ser sal, fermento e luz no mundo, colocando na prática os ensinamentos do Senhor que diz:

Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos! (Mt 28, 19-20).

Além dos já citados adjetivos, os seguidores do Mestre precisam instruir, carecem compartilhar o que receberam, necessitam estar em movimento como o próprio Jesus esteve (cf. Mt 9,35). Seguir a Cristo é colocar-se inteiramente à disposição, é ir ao encontro do outro, é ter o espírito totalmente missionário e essa posição já é o fazer-se missão. No sentido de colocar-se em missão, se faz necessária a compreensão da proposta missiologica de Jesus. No livro, Vocabulário de Teologia Bíblica (VBT), o jesuíta, Xavier Léon-Dufour, explana que:

Com efeito, a missão dos apóstolos está intimamente ligada à de Jesus: “Como meu Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20, 21). Esta palavra ilustra o significado profundo do envio final dos doze por Cristo ressuscitado: “Vai [...]”. Irão, portanto, anunciar o Evangelho (Mt 16, 15), fazer “discípulos de todas as nações” (Mt 28, 19), para levar o seu “testemunho em todos os lugares” (At 1,8). A missão do Filho chegará assim eficazmente a todos os homens, graças à missão dos seus apóstolos e da sua Igreja (LÉON-DUFOUR, 1984, p.482).

Num primeiro momento, pode-se entender que o próprio Cristo é por excelência o modelo de missão. Segundo o autor, José Comblin, “A missão consiste em renovar e imitar a própria missão de Jesus Cristo” (COMBLIN, 1973, p.11); e ao estar com Jesus e comungar dos seus ensinamentos, automaticamente aqueles que aderem os seus ideais, tornam-se seguidores do Mestre, fazem-se missionários. Nesse itinerário, o ideal de missão apresentado pelo Vocabulário de Teologia Bíblica, deve ser concebido como uma ação totalmente Cristológica, assunto este que já foi bem explanado no tópico anterior.

Para seguir a Cristo, o ser humano deve se revestir de Cristo por completo, colocando em prática tudo o que o Senhor pregou e o conjunto que Ele ensinou. No entanto, quem são os seguidores do Senhor? Quem foram essas pessoas que aderiram tamanha realidade? Conforme o teólogo, Afonso Murad:

Jesus é o Messias e o Salvador (Lc 2, 11). Inaugura o Reino de Deus, no tempo, novo tempo de felicidade e alegria para todos, especialmente para os pobres (Mc 1,15; Lc 4,18; 5,20s; 8,1). Mostra como Deus Pai é tão bom, ao acolher e perdoar os pecadores (Lc 7,36-49). Mas Jesus não realiza sozinho essa missão. Desde o começo, chama algumas pessoas para segui-lo mais de perto. Convoca Simeão e Levi (Lc 5, 11.27), que renunciam a tudo para ir com ele. Depois de rezar muito, Jesus escolhe os Doze (Lc 6, 12-16), que estão mais perto d’Ele, dia e noite, aprendendo a viver a relação com Deus e com os outros. Além dos doze apóstolos, algumas mulheres acompanham a Jesus (Lc 10,1). A todos Jesus envia em missão (Lc 9,1-6; 10, 1-11), para que testemunhem a misericórdia de Deus e anunciem o seu Reino (MURAD, 2012, p. 53).

Por meio de sua citação, o teólogo Afonso Murad, deixa claro que Jesus olha para os pecadores, e conseqüentemente com esse olhar que perdoa ele acolhe os seus primeiros discípulos, pois, Jesus “vê no movimento dos pecadores que recebem o perdão o sinal do novo tempo, em que o reino de Deus entra na história como oferta gratuita de salvação para todos” (FABRIS,1988, p.103). Nessa linha o teólogo Jon Sobrino, argumenta que “o anúncio programático de Jesus sobre o Reino termina com a exortação: “convertei-vos, crede no evangelho” (SOBRINO,1983, p.77). Os evangelhos pontuam claramente quem foram os primeiros. De acordo com os relatos

dos evangelistas, Jesus chamou doze homens que abraçaram o discipulado, a saber: Pedro, André, Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, Simão, Judas filho de Tiago e Judas Iscariotes (cf. Mc 3,13-19).

Um fato interessante é que ao verificarmos a história desses homens, dos doze discípulos, percebe-se que o relacionamento de Jesus se dá com pessoas simples e desprezadas pela sociedade local, a exemplo de André e Pedro, que estavam no ofício da pesca quando o Senhor os diz: Sigam-me (cf. Mt 4,18-22). Jesus também chama um cobrador de imposto (cf. Mt 9,9-13), um publicano (cf. Lc 5,27-32), profissão que até então era repudiada no mundo judaico. Por fim, o convite de Jesus se estende aos que precisam de saúde, chamou até um traidor, que com um beijo entrega à morte Aquele que o tanto amou.

Depois da instituição dos doze feita pelo próprio Jesus, percebe-se que inúmeras pessoas passaram a seguir o Mestre e no decorrer desse processo Jesus chega a fazer o envio de setenta missionários, onde, de dois em dois colocaram-se em missão (cf. Lc 10,1). Posto isto, interpreta-se que os seguidores do Senhor são pessoas corajosas, são seres humanos que largaram tudo pela causa do Reino dos céus. O teólogo José Panazzolo elucida que “com Jesus, os discípulos e as discípulas são os que têm uma relação pessoal com o Mestre e o radicalismo de deixar tudo para seguir Jesus” (PANAZZOLO, 2019, p.37), ou seja, o ato de se fazerem irmãos e fraternidade vai além dos laços sanguíneos e que somente a verdadeira Verdade é capaz de congregar, é apta para amar, e Jesus amou os seus seguidores até o fim.

1.4 *KERIGMA*: A PRÁTICA DA MISSÃO

Ao cumprir a sua missão, Jesus demonstrou por meio de suas obras (pregações, curas, itinerância etc) a vontade do Pai; visto que “o conceito dominante em sua pregação, a realidade que dava sentido a toda a sua atividade é o Reino de Deus” (SOBRINO,1983, p.61). Ele inaugura o Reino dos Céus (cf. Mt 28,18) ratificando a sua autoridade. “Jesus anunciou o domínio de Deus” (GNILKA, 2000, p. 85) sobre os céus e a terra, apresentando assim um reinado atemporal (cf. Jo 17,5), pois antes de tudo existir, Deus já existia. O Enviado, desempenhou o seu ofício ao falar sobre o reino e precisamente ao apresentar a salvação a toda a humanidade, dando ao homem a vida eterna, ou seja, o próprio Cristo Se dá (cf.1 Jo 5, 11-12; Jo 6,35; Jo 6,53). Ao perscrutarmos a parábola dos trabalhadores na vinha (cf. Mt 20, 1-

16) fica evidente a oferta da salvação proposta pelo o Senhor, de acordo com o autor, Joachim Gnilka:

Com a parábola dos trabalhadores na vinha foi atingido um propósito básico do anúncio de Jesus, a saber, transmitir a incomensurável bondade de Deus. Como a bondade de Deus não é uma coisa qualquer, mas sim a força a partir da qual o homem consegue enfrentar a vida e a morte e conferir-lhes um sentido, isto toca pontos de extrema importância. A bondade tem que ver com o domínio de Deus, não importando se a fórmula de introdução da parábola, que menciona o Reino dos Céus, é original ou não. [...] O mais importante é que se perceba a relação objetiva com o domínio de Deus (GNILKA, 2000, p.93).

Desta forma, pode-se compreender que a proposta missiológica de Jesus também é afirmar que Deus é bom (cf. Mc 10,17-27), e por intermédio de sua bondade ele se faz presente, próximo e amoroso, desconstruindo dessa maneira o pensamento judaico de um Deus distante.

Observa-se que na citação do teólogo Joachim Gnilka, ele menciona que “com a parábola dos trabalhadores na vinha foi atingido um propósito básico do anúncio de Jesus” (GNILKA, 2000, p. 93), esse pequeno trecho certifica que a missão de Jesus se deu por meio do anúncio. Eis aí a prática da missão, anunciar. Jesus expõe essas grandes maravilhas através de um *Kerigma*⁴. O Dicionário Enciclopédico da Bíblia (1977, p. 1210) remonta o *Kerigma* ao ato de pregar, em que a “Pregação tem na teologia bíblica o sentido de transmissão de uma mensagem divina por ordem do Deus revelador” (BORN, 1977 p.1210), e essa foi a obediência de Jesus, Ele transmitiu a suprema Verdade (cf. Jo 14,6) de forma audível, oral e gestual (cf. Mt 4,23-25).

No contexto da história, a palavra *Kerigma* (*querigma*) está relacionada com os arautos reais, esses arautos eram conhecidos por *quérrix* que por sua vez estavam imbuídos de percorrer todo o reino proclamando as notícias referentes a vida da corte, no entanto, o anúncio de Jesus é diferente, as suas pregações vai muito além dos condados, o seu *Kerigma* ultrapassa fronteiras, as palavras salvíficas do Senhor ecoa em toda a terra, elas foram e continuam indo além-mar (cf. At 1,8), e nesse caso os seguidores de Jesus desempenharam um papel importantíssimo na difusão da Boa Nova (cf. Mc16,15-16); conforme o autor, frei Francisco Battistini: “a missão que Jesus recebeu do Pai para salvar o mundo, Ele a entrega aos apóstolos. ‘Como o Pai me enviou, assim eu vos envio (Jo 20,21)’” (BATTISTINI, 1997, p.175); Jesus deixa um

⁴ Do grego: *κήρυγμα*, *kérygma* é uma palavra usada no Novo Testamento com o significado de mensagem, pregação, anúncio ou proclamação.

mandado aos seus discípulos, ordem esta que consiste no ensino da doutrina, e com isso, “Jesus entrega a sua missão salvadora aos apóstolos” (BATTISTINI, 1997, p.174), que continuaram a fazer o *Kerigma*, que “transmitiram a doutrina do Senhor e a pregação de modo autêntico” (BATTISTINI, 1997, p.176), dando continuidade à missão iniciada pelo Mestre.

A grande mensagem do *Kerigma* “é a salvação que Deus quer operar ou operou por Cristo e em Cristo. Essa salvação é oferecida aos homens na pregação, é ato salvífico de Deus” (BORN, 1977 p. 1211), isto significa que o *Kerigma* se dará por meio de uma experiência de fé, mediante a uma vivência profunda e arrebatadora com Deus. Os seguidores de Cristo foram tão fiéis à sua palavra que continuaram com o anúncio. O autor frei Francisco Battistini explana que:

Jesus entregou sua missão, seus poderes e sua doutrina aos apóstolos. Os apóstolos entregaram aos seus sucessores. Os seus sucessores a outros. E assim por diante. Até hoje. Os legítimos sucessores dos apóstolos são os bispos da Igreja (BATTISTINI, 1997, p.176).

Portanto, quando Jesus diz que “Nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4), compreendemos que o próprio Deus nos falou e tem nos falado por meio do *Kerigma*, que por sua vez, é o sustentáculo da alma, é a libertação plena, é a vida nova, assegurada e transmitida por todos aqueles que abraçaram o seguimento de Cristo, é preciso anunciar, dado que faz-se necessário espalhar a Boa Notícia que ocorrerá somente por intermédio da missão.

2 A FIGURA FEMININA NA REALIDADE DE JESUS

Quando se perscruta a figura feminina na literatura Neotestamentária é perceptivo que o Novo Testamento faz determinadas abordagens sobre algumas mulheres. Pautando em Mateus, Marcos, Lucas e João, nota-se que os mesmos exibem a mulher em diversas circunstâncias⁵, isto é, elas estão presentes em alguns contextos e eventos.

Tomando como base o pensamento do autor Padre Paulo de Coppi e, adentrando na realidade feminina a respeito da missão presente nos Evangelhos, ele dirá que “as quatro narrativas da ressurreição de Jesus nos Evangelhos, apresentam uma grande variedade: as testemunhas não são sempre as mesmas, umas vezes são algumas mulheres, outras, alguns discípulos e outras, os onzes” (COPPI, 1994, p.132). É nesta perspectiva que a presença feminina no dia a dia de Cristo deve ser abordada, pois de acordo com as narrativas evangélicas, existiram mulheres na vida de Jesus Cristo que de forma fiel acreditaram, acataram e se dedicaram no anúncio do Reino se fazendo missionárias e amigas do Senhor.

É perceptível que o convite de Jesus não é algo restrito, tal aceno engloba a todos. Sobre o chamado de Jesus, o teólogo Afonso Murad (2012, p. 53) reforça que “além dos dozes apóstolos, algumas mulheres acompanham a Jesus (Lc 8,2s)”. Desta forma, pode-se afirmar que o chamamento missionário de Jesus não restringe somente a figura masculina. O convite vai além e alcança também as mulheres. Sendo assim, a necessidade de trazer à luz quem foram essas que são retratadas nos Evangelhos. De acordo com o autor Valmir Chiarello:

Os Evangelhos mostram que Jesus, em relação às mulheres, teve atitude de acolhida: em Jo 8,2-11 Jesus não age conforme o senso comum ao defender uma mulher surpreendida em adultério. Ao invés de condená-la, a acolheu na

⁵ Ana, profetisa (Lc 2,36-38); Maria, mãe de Jesus (Lc 1,26-38); Isabel (Lc 1,5); Irmãs de Jesus (Mt 13,56); Sogra de Pedro (Mc 1,30); Joana (Lc 8,3; 24,10); Susana (Lc 8,3); Samaritana (Jo 4,7-30); Talita (Mc 5,41; Mt 19, 13-15); Maria de Cléofas (Jo 19,25; Mt 27, 56.61; 28,1; Mc 15, 40.47; 16,1s); Cananeia (Mt 15,21ss); Marta, irmã de Maria (Lc 10,38; Jo 11,1); Maria, irmã de Marta (Lc 10,39; Jo 11,1); Maria Madalena (Lc 8,2); Maria, mãe de Tiago (Mc 16, 1); Moça do perfume (Lc 7, 36-38); Mulher adúltera (Jo 8,1-11); Mulher do fluxo (Mc 5,25-34; Lc 8,43); Mulher que elogiou Jesus (Lc 11,27-28); Viúva de Naím (Lc 7, 11-17); Mães com crianças (Mt 19,13; Mc 10,13); Filha do chefe da sinagoga (Mc 5,23.35-43); Filha da Cananeia (Mt 15, 21-28); Filha de Herodíades (Mt 14,3-11); Viúva das duas moedas (Mc 12,41-44); Filha de Jairo (Mt 9,18-19.22-26); Salomé (Mc 15,40; 16,1); Mulher que ungiu Jesus (Mc14,3-9; Mt 26,7-13); Mulheres na Cruz, olhando de longe (Mc 15, 40-41) ; Mulheres na Via Sacra (Lucas 23, 27-28); Empregada que acusou Jesus (Mt 26,69-71); Mulher de Pilatos (Mt 27, 19); Mulheres de Jerusalém (Lc 23,27-28).

sua condição de pecadora, revelando o seu amor, a sua misericórdia e o seu perdão. A passagem de Lc 10,38-42 mostra que Jesus era amigo de Marta e Maria. Em Mt 19,3-9 Jesus defende a igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres nas relações conjugais. Em Lc 7,36-48 Jesus não se preocupa em provocar escândalo ao apresentar uma prostituta arrependida como modelo de amor. Lc 8,1-3 mostra que Jesus tinha mulheres em seu grupo de discípulos. Ao ressuscitar aparece primeiramente a uma mulher, Maria Madalena que se torna a primeira testemunha de sua ressurreição (Jo 20,11-18). Estes, entre outros textos, mostram que Jesus valorizou e acolheu as mulheres de seu tempo, embora isso pudesse causar escândalo. (CHIARELLO, 2008, p.41).

Por fim, deve-se pensar que as mulheres receberam um olhar paternal e acolhedor da parte de Jesus e, assim, elas tiveram um papel importante no que tange à vivência missionária. Dado este que as mesmas contribuíram com a propagação do Reino corajosamente e foram as primeiras a fazerem o *Kerigma* (cf. Mt 28,8-15).

2.1 A EXISTÊNCIA FEMININA

Antes de submergimos no que se refere a missão da mulher perante o seguimento e o anúncio de Cristo é importante entender a sua condição. Para isso, deve-se levar em consideração a posição social em que as mesmas ocupavam a exemplo dos costumes que eram submetidas.

A mulher desse período estava sujeita ao sistema do patriarcado. Elas não tinham vez e nem voz, pois a vontade do homem sobressaía em todos os aspectos. O homem é a lei, ou seja, o pai é a autoridade máxima. O homem determinava tudo na vida da mulher e isso incluía até mesmo no âmbito de sua religiosidade. Visto que “no judaísmo, a mulher vivia numa posição de marginalidade que não dizia respeito somente a questão social e moral, mas atingia também o aspecto religioso” (PINTO; ARTUSO, 2013, p.3) o autor Myer Pearlman faz um estudo denominado as barreiras existentes no cotidiano masculino e feminino no qual, tendo como base o encontro de Jesus com a samaritana (cf. Jo 4,5-42), ele dirá que existe a,

Barreira do sexo: era mulher; barreira cultural: era ignorante, pois geralmente os rabinos proibiam que as mulheres recebessem educação - era preferível queimar a lei que ensiná-la a uma mulher; o preconceito social e religioso: era samaritana; a barreira do caráter moral: era pecadora (PEARLMAN, 1995, p. 51).

Mediante a tal colocação, Mayer Pearlman demonstra que a figura feminina era refém do preconceito e da discriminação e para melhor compreender esse sistema, a autora Zuleika Alambert alega que:

O domínio do homem e a subordinação da mulher não se baseiam, portanto unicamente em diferenças biológicas, mas se estabelecem através de relações sociais, e é através dessas relações que a diferença biológica aparece como desigualdade humana. Esta configuração social da diferença e da contradição homem/mulher adquiriu uma relativa autonomia, e se reproduziu durante tanto tempo em circunstâncias tão diversas, que aparece como um dado natural (ALAMBERT, 1986, p. 119).

Posto isto, fica mais claro captar todo o contexto em que as mulheres do período bíblico estão incorporadas. Aqui temos uma submissão opressora, que por sua vez, vai ramificar de diversas formas, como silêncio, reprodução, impureza e servidão, etc. Os autores, Sionite Pinto e Vicente Artuso, chegam a mencionar que “a mulher também era concebida como propriedade do marido juntamente com suas demais posses” (PINTO; ARTUSO, 2013, p.4), ou seja, a mulher estava fadada a ser um mero objeto e na condição de um artefato, possuía sempre um dono. Ou seja, o marido, o pai quando antes do casamento, um irmão ou o próprio filho. Nesse aspecto de ser um pertence de um homem, o teólogo José Antônio Pagola afirma que: “quando jovem passava do controle do pai ao do esposo. Seu pai podia vendê-la como escrava para pagar as dívidas, mas não podia fazer o mesmo com o filho, que estava destinado a assegurar a continuidade da família” (PAGOLA, 2010, p.67). Fazendo uso de outras palavras, a ideia em torno da mulher era de um ser inferior até dentro do seio familiar. As mesmas eram reféns de uma estrutura totalmente desumana, tanto que elas corriam o risco de serem repudiadas caso não cobrisse a cabeça em ambientes públicos. Sobre isso o teólogo Joaquim Jeremias comenta que:

A mulher que saísse de casa sem ter a cabeça coberta, quer dizer, sem o véu que ocultava o rosto, faltava de tal modo aos bons costumes que o marido tinha o direito, até mais, tinha o dever de despedi-la sem ser obrigado a pagar a quantia que, no caso de divórcio, pertencia à esposa, em virtude do contrato matrimonial (JEREMIAS, 1983, p. 474).

Nesse ambiente machista, nascer mulher é vivenciar uma verdadeira sina e é também estar totalmente desamparada inclusive dos seus pares. A mulher estava inteiramente fadada ao silêncio e a obediência ao homem e, nesta situação de abandono e desprezo, “as mulheres repudiadas e as viúvas ficavam sem honra, sem

bens e sem proteção, ao menos até encontrar um varão que se encarregasse delas” (PAGOLA, 2010, p.67). A mulher desse tempo era vítima de uma cultura impiedosa e de um sistema que as silenciavam completamente, no todo, a mulher enfrentava uma espécie de anulação. Diz Boff (1979, p. 77-78):

Primeiro por não ser circuncidada e, por conseguinte, não pertencer propriamente à aliança com Deus; depois pelos rigorosos preceitos de purificação aos quais estava abrigada devido à sua condição biológica de mulher; e finalmente, porque personificava a Eva com toda a carga pejorativa que se lhe agregava.

A mulher contemporânea de Jesus Cristo vivia marginalizada. Elas, assim como as crianças, os estrangeiros, os enfermos e os pobres, encontravam-se totalmente a margem. Podemos dizer que, a mulher, nesse contexto, se encontra no grupo dos desprezados e injustiçados.

2.2 JESUS E AS MULHERES

²⁷Naquele instante, chegaram seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher; nenhum deles, porém, lhe perguntou: “Que procuras?” ou: “Que falas com ela?”.
(Jo 4,27).

No evangelho de João é nítido que Jesus nunca rejeita quem vem até Ele (cf. Jo 6,37) e, esse sentindo de vir deve ser compreendido como um ato de crer. Dessa forma, entre os fragilizados, machucados e desamparados estavam as mulheres que, ao serem acolhidas pelo o Mestre, encontraram dignidade e até mesmo o sentido da vida (cf. Jo 4,7). Em seu artigo denominado “Reencantar-se com a esperança na vida”, disponibilizado pelo o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), o autor Frei Carlos Mesters (2018) faz alguns apontamentos no que se refere à realidade feminina. Entretanto, o autor aponta alguns pontos interessantes na qual algumas mulheres começam a se posicionarem diante da mencionada repressão explanada no tópico anterior. Afirma ele:

Na medida em que crescia a marginalização, cresciam também a resistência e a valorização da mulher. Esta dupla tendência alcança o seu ponto alto no Novo Testamento. Na época do Novo Testamento, a mulher vivia marginalizada. Na sinagoga ela não participava, na vida pública não podia

ser testemunha. Ao mesmo tempo, a resistência da mulher contra a exclusão vinha crescendo e encontrou eco e acolhida em Jesus⁶.

Em Jesus não havia a dita distinção entre homem e mulher. Sendo assim, elas acharam em Jesus um profundo amparo, pois o plano de salvação proposto por Jesus é direito de todos. O seu acolhimento abarca desde gregos e judeus, escravos e livres, e, conseqüentemente, abrange o universo masculino e feminino (cf. Gl 3,28). A partir da Boa Nova, a mulher encontrará em Jesus alento, dignidade, esperança, caridade e espaço para se expressarem e atuarem. Existe uma intensa reciprocidade entre ambos. Jesus foi, segundo a teóloga Maria Clara Bingemer (2008, p. 48), “um homem que viveu uma especial aliança e sintonia com as mulheres de seu tempo, que fundou uma comunidade e inaugurou um estilo de vida onde elas eram bem vindas e tinham o seu lugar” e, com isso, eles colocaram na prática uma profunda interação fraterna. Visto que, “Jesus é o pastor que cuida de suas ovelhas, do rebanho que lhe pertence, conhece as suas ovelhas, e elas o conhecem, ele as chama pelo nome e elas conhecem a sua voz, respondem ao seu chamado e o seguem” (SOUZA, 2012, p.19), a mulher não tem receio de se aproximar de Jesus, ele vai até elas e por sua vez elas retribuem valoroso gesto (cf. Lc 8, 1-3),

Em relação ao tema “Jesus atrai as mulheres e as dignifica”, os autores Sionite Pinto e Vicente Artuso apresentam que:

A sociedade nos tempos de Jesus continuava com uma estrutura patriarcal de inferioridade e de submissão às mulheres. Jesus, porém, foi diferente dos homens de sua época. Ele reagiu contra a marginalização das mulheres. [...] As mulheres eram atraídas por Jesus e o seguiam juntamente com a multidão de discípulos. Jesus se mostrava amigo e complacente com as mulheres e se opunha totalmente aos costumes machistas de seu tempo” (PINTO; ARTUSO, 2013, p.5).

Conseqüentemente, é nítido que o pensamento de Jesus não está em consonância com a estrutura vigente, isto é, o Messias não comunga com o que propõe o patriarcado. Porém, a sua postura é questionadora e torna-se motivo de escândalo para os judeus patriarcais. Primeiro por ter mulheres em sua companhia (cf. Lc 8, 2-3). Segundo, por ele se posicionar contra a Lei que em alguns episódios colocava a mulher como alvo de toda a repressão (cf. Jo 8,7). Nos parágrafos dez e onze do texto-base da Campanha da Fraternidade 2022, é exposto que:

⁶ Cf. MESTERS, 2018.

Durante seu ensinamento ele foi interrompido pelos fariseus, que trouxeram para o meio do círculo uma mulher apanhada em adultério (Jo 8,3). Só a mulher. Pediram que o Mestre Jesus se pronunciasse sobre o caso e desse uma sentença. Segundo a Lei de Moisés, ambos os envolvidos no adultério, o homem e a mulher, deviam ser punidos com a morte por apedrejamento (Dt 22,22). Para que apresentaram o caso a Jesus? A lei era conhecida pelos fariseus e em Jerusalém não faltavam juizes para dar a sentença. Eles queriam empurrar para Jesus o papel de juiz, mas alguns detalhes nos revelam a falta de sinceridade dos acusadores. No fundo, não queriam a verdadeira justiça, que é a bondade objetiva de Deus Pai Criador. Queriam testar Jesus, colocá-lo à prova. Desejavam que ele esquecesse seu ensinamento de amor e caridade, que os incomodava, e que condenasse a mulher à morte prescrita pela Lei. Além de testar Jesus, parece que também queriam fazer prevalecer a rigidez no cumprimento da lei e dar a conhecer a todos que é ela quem salva e que, somente eles, são seus legítimos representantes (CNBB, 2022, pp. 19-20).

As mulheres que cruzaram o caminho de Jesus Cristo, independentemente da situação em que se encontravam, nunca se depararam com a punição, mas pelo contrário, elas deparavam-se com a cura, o perdão e principalmente com a dignidade. Conforme os autores Sionite Pinto e Vicente Artuso (2003, p. 5):

Quando uma mulher adúltera é levada até Jesus para ser apedrejada, Ele reage de forma que os acusadores saem da sua presença se sentindo condenados por seus próprios pecados. Quanto à mulher, ele a libera e perdoa: “Vai e não peques mais” (Jo 8.11). Em outro episódio Jesus é tocado por uma mulher que sofria de hemorragias menstruais há doze anos, provavelmente ela estava excluída por todo esse tempo de qualquer convívio social e familiar. Sua enfermidade a tornava impura diante das leis cerimoniais. Jesus questiona a multidão que o segue com a intenção de incluir a mulher marginalizada, ele a cura e ainda lhe dirige algumas palavras de consolo. (Cf. Lc 8.43-48 e Lv 15.25).

Em Jesus, a mulher que até então estava numa situação de exclusão é vista e ouvida. Desse modo, elas encontram forças e até vai de contra a lei. Isso pode ser exemplificado com a narrativa da mulher que sofria de fluxo de sangue (cf. Mt 9,19-22) que, por se sentir acolhida e ao saber dos feitos de Jesus, rompe com todas as barreiras que a impossibilitava de estar no meio social e religioso e toca no Senhor. Esse fato é tão significativo que reforça como Jesus tratava o sexo oposto, visto que “a atitude de Jesus para com as mulheres é tão insólita que chega a surpreender até os mesmos discípulos (cf. Jo 4,27)” (BINGEMER, 2008, p. 49). Podemos concluir que o seu acolhimento se estendia para todos e com isso os tratavam sem diferenciação. Em conformidade com a autora Maria Clara Bingemer (2008, p. 48):

É comum aos quatro evangelhos o fato de que as mulheres formam parte da assembléia do Reino convocada por Jesus, na qual não são simples componentes acidentais, mas ativas e participantes (cf. Lc 10,38-42) e ainda beneficiárias privilegiadas de seus milagres (cf. Lc 8,2; Mc 1,29-31; Mc 5, 25-34; Mc 7,24-30, etc.).

Abordando essa dimensão do relacionamento que Jesus manteve com as mulheres podemos citar uma importante passagem bíblica que explicita bem a interação do Mestre com o sexo feminino. Nos é narrado em Lucas, capítulo dez, versículos trinta e oito a quarenta e dois, o seguinte episódio:

Estando em viagem, entrou num povoado, e certa mulher, chamada Marta, recebeu-o em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, ficou sentada aos pés do Senhor, escutando-lhe a palavra. Marta estava ocupada pelo muito serviço. Parando, por fim, disse: “Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude”. O Senhor, porém, respondeu: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada” (Lc 10,38-42)⁷.

Portanto, não adentrando ainda na profunda mensagem missionária que esse relato contém no que tange a dimensão do servir, mas focando na interação entre homem (Jesus) e mulheres (Marta e Maria), percebe-se alguns dados interessantes que nos diz muito sobre a postura de Jesus perante as mulheres. Em primeiro lugar elas recebem Jesus como hóspede em sua casa. Todavia, fazendo menção sobre a realidade feminina em que uma mulher não deveria nem se dirigir⁸ a um homem e muito menos sentar-se à mesa com o mesmo, é fascinante observamos que neste contexto não é um homem (Zacarias, irmão de Marta e Maria) que recebe o visitante, mas sim uma mulher que faz a acolhida. Jesus é recebido por uma mulher (cf. Lc 10,38). Para o autor, Romão Felisberto Joaquim Capossa,

Marta recebe Jesus em sua casa. É a anfitriã. Será ela a chefe de família ou a mais velha e responsável que trabalha para sustentar, prover as necessidades da família e dos visitantes e administrar a casa? Não é facto inusitado as mulheres chefiarem suas famílias, embora o costume da época fosse outro. Ela não só governa a casa, mas é servidora de todos (Jo 12,2). Ela acolhia e servia os que chegavam na sua modesta e “espaçosa”¹³⁷ casa. Tinha espaço para todos. Ninguém passava necessidade (CAPSSA, 2006, p.83).

⁷ Utilizamos a versão Bíblia de Jerusalém (2002).

⁸ Na estrutura do Patriarcalismo a mulher vivia totalmente reclusa e refém dos seus afazeres, no entanto nesse sistema estava “projetando a posição do homem como atuante no espaço público e confinando a mulher ao espaço doméstico (KESSLER, 2009, p. 218).

Outro fato relevante e bastante expressivo é o entrosamento que ocorre entre os três personagens. Aqui existe tamanha liberdade que Maria senta-se aos pés de Jesus para escutá-lo e, pela tamanha afinidade, Marta, incomodada com a postura da irmã, dirige a palavra a Jesus e o questiona sobre a atitude da irmã que não a ajuda com os afazeres domésticos. Enfim, a cena deixa transparecer uma leveza entre eles que mostra um espírito de amizade da parte de Jesus para com as irmãs e da parte delas para com ele. Para o autor Valmir Chiarello (2008, p. 41) “a passagem de Lc 10,38-42 mostra que Jesus era amigo de Marta e Maria” tanto que, em outro acontecimento, Jesus chora a morte de Lázaro (cf. João 11, 33-35) seu amigo. A afetividade que Jesus tinha pelas irmãs de Lázaro era tão pura que ele, ao vê-las chorando, sente a dor das mesmas e com isso cai em prantos. Podemos notar que além dos amigos⁹ Jesus teve também verdadeiras amigas.

Com base nesse contexto, fica subentendido que Jesus não vê nenhum problema em se relacionar com as mulheres. Um grande exemplo disso é a passagem da mulher samaritana (cf. Jo 4,5-42) que fica surpresa quando um homem judeu lhe dirige a palavra. Para a autora Maria C. Evangelista Souza (2012, p. 46):

O encontro de Jesus com a mulher samaritana à beira do poço de Jacó é uma postura revolucionária de Jesus, no sentido de que quebra tabus, rompe barreiras até então intransponíveis, barreiras sociais, ideológicas, religiosas que discriminavam a mulher.

⁹ Jesus tinha vários amigos, de níveis de intimidade diferentes, durante seu ministério. Seus discípulos eram mais do que alunos ou servos, eram seus amigos. A relação de Jesus com seus discípulos era especial. Ele não os via apenas como seguidores, nem como funcionários cuja única função era pregar o evangelho e obter resultados. Jesus valorizava a amizade que tinha com seus discípulos (cf. João 15,15). Os 12 apóstolos foram escolhidos pessoalmente por Jesus para o acompanharem de perto. Eles seriam os futuros líderes da igreja mas, antes disso, eles viveram muito próximo de Jesus. Além de aprenderem de Jesus, os apóstolos teriam formado uma intimidade especial com ele. Eles seguiam Jesus por onde ele andava, comiam com ele e observavam tudo que ele fazia. De entre os 12 apóstolos, Jesus tinha três amigos mais próximos: Pedro, Tiago e João. Em algumas ocasiões Jesus levou apenas esses três consigo (cf. Mateus 17,1-2). Ele tinha uma intimidade especial com eles e confiava na discipulação deles. Além dos 12 apóstolos, Jesus tinha outros discípulos que poderiam ser considerados seus amigos. Ele ficava na casa de alguns dos discípulos e comia com eles. Naquele tempo, comer juntos era um sinal de amizade. Jesus tinha uma amizade especial com uma família em particular: a família de Lázaro. A Bíblia diz que Jesus amava Lázaro e chorou quando ele morreu. Lázaro tinha duas irmãs que moravam juntas, chamadas Marta e Maria. Os três eram bons amigos de Jesus e o hospedavam regularmente. Ele ficou na casa deles durante sua última semana antes de morrer (cf. João 12,1-2). Durante seu ministério, Jesus não teve uma relação fácil com seus parentes, porque não acreditavam nele. Mas parece que ele tinha afeição por seu parente João Batista. Jesus elogiava João Batista e tentou tirar um tempo para ficar sozinho quando ele morreu. Durante seu tempo na terra, Jesus não se manteve afastado. Ele formou amizades verdadeiras e investiu em seus amigos. Todos que creem em Jesus e o obedecem são seus amigos (cf. João 15, 13-14). Jesus disse que ele iria dar sua vida pelos seus amigos. Isso significa que ele tem amizade com cada pessoa salva. Disponível em: <https://www.respostas.com.br/quem-eram-os-amigos-de-jesus/> Acesso em: 05 abr. 2022.

Por fim, da mesma maneira que Jesus acolhe os pecadores, enfermos e principalmente os marginalizados, a mulher encontrará na pessoa de Jesus Cristo a verdadeira acolhida. É interessante notar que, em vários momentos, é ele quem vai de encontro a elas e é ele o primeiro a dirigir a palavra (cf. Jo 4.7). Segundo a teóloga Maria Clara Bingemer (2008, p. 49):

A todos estes Jesus os faz destinatários privilegiados de seu Reino, integrando-os plenamente na comunidade de filhos de Deus, porque com seu olhar divino, informado constantemente pelos movimentos do Espírito e pela relação filial com o Pai, sabe discernir em todos estes pobres – nos quais está incluída a mulher.

Jesus recebeu em seu seio a mulher e, independente da conjuntura em que elas se encontravam (estrangeiras, repudiadas, pecadoras e etc.), ele as refugiou de forma paternal e se fez irmão, pai e amigo. Podemos concluir que, em uma sociedade extremamente machista na qual a injustiça prevalecia e com isso imperava o preconceito para com o sexo feminino, Jesus demonstrou e ensinou que é possível criar laços fraternos entre homens e mulheres. Os dois estão no mesmo patamar em dignidade e amor na concepção divina, tanto é que a mulher faz parte e foi incluída no projeto de Deus (cf. At 9, 36-42).

3 MULHER E MISSÃO

Diz-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: “*Rabbuni!*” que quer dizer “Mestre” (Jo 20, 16).

Jesus foi um homem de relacionamentos, o mesmo construiu laços e se fez amigo de todos, e dentro dessa dimensão, desse círculo de amizades a mulher que até então era rejeitada por inúmeros aspectos ocupou um lugar importante em seu ministério. Elas caminham com o Senhor até o fim de sua missão (cf. Jo 19,25-27), e por sua vez, serão elas, as pioneiras que darão continuidade ao projeto de Deus (cf. Mt 28,7-10). Portanto, a figura feminina está totalmente interligada a realidade missionária, posto que elas seguiram o Senhor e foram colaboradoras do Messias (cf. Lc 8, 1). A mulher foi enviada (cf. Jo 20, 17-18) e fez o Anúncio da ressurreição. No livro, *Vozes Femininas no Início do Cristianismo*, a teóloga e historiadora Rute Salviano Almeida relata que:

É certo que as mulheres tiveram participação ativa no ministério de Jesus: elas o acolheram, como Maria e Marta; conversaram com ele, como a samaritana; o ungiram com óleo como a pecadora; o serviram com os seus bens; seguiram-no até a cruz e foram testemunhas de sua ressurreição (ALMEIDA, 2017 p.93).

Portanto, a mulher e missão, terá como objetivo geral proporcionar uma reflexão sobre a contribuição e o desempenho que as mesmas tiveram para a realização da missão evangélica; e em vista disso, será elencando alguns nomes juntamente com os serviços prestados para a propagação do Reino. Por fim, evidenciaremos que algumas mulheres abraçaram de fato a missão proposta por Jesus e tornaram-se verdadeiras baluartes dentro da comunidade.

3.1 A CONTRIBUIÇÃO E O DESEMPENHO QUE AS MULHERES TIVERAM PARA A REALIZAÇÃO DA MISSÃO EVANGÉLICA

Entre os vários ensinamentos de Jesus existe um em especial que impulsiona e faz com que a missão aconteça. O ensinamento em questão é denominado de partilha, ou seja, ao ensinar os seus seguidores a dimensão do partilhar (cf. Mt 14,13-2), Jesus demonstra que dentro da comunidade missionária existe algo que podemos

apelidar de bem comum, e adentrando nesse ponto, o evangelista Lucas, precisamente no capítulo oito versículos de um a três, diz:

Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens.

Nesse contexto, o evangelista apresenta alguns pontos importantíssimos que abarcam a realidade missionária, a saber, a missão de Jesus é totalmente itinerante. Os seus seguidores devem pôr-se a caminho e seguir Jesus Cristo é movimentar-se. Outro elemento que se deve destacar nesse trecho do evangelho é a contribuição e o espaço que a mulher ocupa dentro da missão. O evangelista deixa claro que elas acompanhavam Jesus, ou seja, elas transitavam entre os homens (apóstolos) de cidade em cidade. Por meio disso podemos deduzir que as mesmas observavam o Senhor pregando e anunciando a Boa Nova e assim, elas aprenderam tal ofício com os atos do Messias, ou seja, absorveram tudo que emanava do Mestre. Sobre essa grandiosa atitude a professora e teóloga Ivoni Richter Reimer, explana que:

Elas não só foram 'ouvintes' do evangelho, mas também 'praticantes'. Elas não só passaram a crer no Messias Jesus, mas também testemunharam a respeito dele e passavam a formar comunidades a partir deste anúncio e desta fé (REIMER, 1995, p. 46).

O apontamento da autora Ivani Reimer é tão relevante que ao fazermos um paralelo com o versículo três, no qual Lucas faz alusão que várias mulheres seguiam Jesus e o serviam com os seus bens (cf. Lc 8,3) é fomentado que a contribuição delas para com a missão foi de extrema radicalidade. Pode-se constatar que elas eram mulheres ativas, seguras e obedientes à proposta inaugurada por Jesus, e de tal maneira, a ação de servir com os seus bens nos remonta a ideia do doar-se inteiramente e do entregar-se por completo ao projeto do Reino. Tudo isso foi vivido com muita maestria pelas seguidoras de Jesus. Elas se doam e colaboram integralmente no serviço do Anúncio. No livro *As Mulheres do Evangelho*, da autora, France Quéré (1984), é abordado que:

As mulheres evangélicas aproximam-se de Jesus com uma constante boa fé e participam das grandes obras de sua missão. Não vemos, com efeito, que

elas fossem passíveis, apáticas, irresponsáveis, reduzidas ao obscuro serviço da vida. Representam grandes papéis, tomam iniciativas e não ficam, como sempre se diz, esperando que Jesus primeiro as chame. Colaboram com a Revelação da qual são agentes essenciais (QUÉRÉ, France, 1984, p.14).

Posto isto, é assertivo dizer que as mulheres colaboraram de maneira eficaz e corajosamente para com a missão de Cristo, e por outro lado, Jesus as colocam no mesmo patamar de igualdade com os seus apóstolos. Dessa forma, elas exercem as suas atividades no núcleo da comunidade. De acordo com a autora Rute Salviano Almeida, “um dos fatores de atração do cristianismo para as mulheres foi justamente a igualdade ensinada pelo evangelho” (ALMEIDA, 2017 p.94). Em outros termos, os ensinamentos de Jesus Cristo, pautado em amar a Deus e ao próximo como a ti mesmo (cf. Mc 12, 30-31), ressoará de um modo tão libertário que romperá as barreiras que silenciavam e distanciavam as mulheres do convívio social. Conforme a teóloga Elizabeth Johnson, “a mulher interage com Jesus no respeito mútuo, no apoio, no conforto e no desafio, e ela mesma é dotada de atos de compaixão, de ação de graças e de coragem” (JOHNSON, 1995, p.232). A mulher é posta como um ser importante na fraternidade de Jesus e elas também foram participantes e testemunhas de grandes feitos a exemplo do milagre ocorrido nas bodas de Caná (cf. Jo 2,5-11).

Um outro aspecto relevante que perpassa a realidade feminina no seguimento do Cristo é a fidelidade que as mesmas depositam na missão. O evangelista Marcos, ao descrever sobre as santas mulheres no calvário, nos apresenta um pouco dessa lealdade. Vejamos:

E também estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de Joset, e Salomé. Elas o seguiam e serviam enquanto esteve na Galiléia. E ainda muitas outras que subiram com ele para Jerusalém (Mc 15, 40-41).

A exemplo de Lucas, Marcos deixa transparecer a presença feminina no projeto da salvação. No primeiro momento, as mulheres estavam ali olhando (cf. Mc 15, 40), e o fato de observar juntamente com a razão de estarem mirando é totalmente o efeito de perscrutar os sinais ao seu redor, e com isso, elas instruem-se mais e mais sobre a Boa Nova. A citação também explana que dentro dessa atmosfera ocorrem duas ações realizadas por elas, a saber, o seguimento e o serviço (cf. Mc 15, 41). Consequentemente, com as mulheres, compreendemos que o seguir e o servir são duas esferas que andarão juntas no tocante da missão, e para a realização dessas

proezas é preciso acreditar na proposta, ter coragem e fidelidade para com aquele que a envia. Elas acreditaram e se entregaram de um modo tão profundo no ideal de Jesus que as mesmas caminham com Ele desde o início (cf. Lc 1,38) até o fim de seu itinerário terreno. Quando Marcos menciona que “elas o seguiam e serviam enquanto esteve na Galiléia. E ainda muitas outras que subiram com ele para Jerusalém” (Mc 15, 41), fica explícito o sentimento da verdadeira lealdade para com o Mestre. Na obra *Masculinidade e feminilidade: Duas faces do mistério de Jesus Cristo*, a autora Maria Clara Lucchetti Bingemer, expõe que “As mulheres são, pois, parte integrante e principal da visão e da missão messiânica de Jesus, [...] por isso, são destinatárias privilegiadas do anúncio e da práxis libertadora de Jesus” (BINGEMER, 2008 p.50), e a teóloga e historiadora Rute Salviano acrescenta que “depois da ressurreição de Cristo, as mulheres continuaram firmes em sua fé, elas foram as primeiras a vê-lo ressuscitado e a anunciarem sua ressurreição” (ALMEIDA, 2017 p.94); ou seja, comungando de tais posicionamentos, é indiscutível dizer que a mulher não tenha contribuído na realização do projeto de Deus.

Por fim, as escrituras, no que diz respeito aos evangelhos, enfatizam vários rostos femininos que cruzaram o caminho de Jesus, sendo que algumas até ganharam vez e voz ao aderirem à fraternidade do Senhor. Desta forma, olharemos para três mulheres mencionadas pelos evangelistas que foram exemplos de missionárias e que vivenciaram de tal modo a dimensão da doação, da fidelidade e do serviço. Centremos em Maria, mãe do Messias; em Marta, amiga do Senhor e em Maria Madalena, a fiel discípula. Essas são mulheres que, dentro de suas realidades, contribuíram com eficiência e tiveram grande parcela para a realização da missão evangélica.

3.2 O DICIPULADO DE MARIA

Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!” (Lc 1,38).

Tendo como base a passagem bíblica sobre a anunciação (cf. Lc 1,26-38), podemos constatar que o evangelista Lucas nos aponta que Maria¹⁰ foi a prima à estar

¹⁰ Na Bíblia, se fala muito pouco de Maria. Ao todo, são apenas sete os livros do Novo Testamento que falam de Maria: 1. Gálatas 4,4; 2. Marcos 3,20-21.31-35; 3. Mateus 1,1 a 2,23; 4. Lucas ,1,1 a 2,52; 11,27-28; 5. Atos 1,12-14; 6. João 2,1-13 e 19,25-27; 7. Apocalipse 12,1-17. Fonte: Frei Carlos

a par do projeto missionário de Deus. A resposta que a mãe do Senhor dá ao anjo, se colocando na condição de serva, demonstra que Maria foi a precedente mulher a colaborar com a grande missão. O fato de a mesma abraçar e aceitar a ideia de ser a Mãe de Deus¹¹, só expõe que ela estava segura e livre para aceitar grandioso encargo. Com o seu sim, ela dá início ao seu discipulado¹². No livro, *Maria toda de Deus e tão humana*, o autor e teólogo Afonso Murad, destaca um capítulo totalmente voltado para essa concepção. Ele a chama de perfeita discípula e acrescenta:

Diante da proposta de Deus, Maria responde prontamente. O seu “sim” ecoa forte e sem dúvidas, cheio de generosidade. Disponível a Deus, Maria une a liberdade com a vontade: “Eis aqui a servidora do Senhor. Eu quero que faça em mim segundo a tua palavra” (cf. Lc 1,37). Essa entrega do coração a Deus tem um nome muito simples: fé. Significa arriscar-se e jogar-se nas mãos do Senhor com confiança. (MURAD, 2012, p.55).

Mas como compreender Maria como discípula? Para isso é necessário dominarmos o conceito de discípulo no eixo teológico. Segundo o dicionário enciclopédico da bíblia, “o sentido geral é: alguém que recebe instrução de um mestre ou professor (Mt 10,25; Lc 6,40). Em sentido mais estrito, discípulos é aquele que adere a uma determinada doutrina e vive conforme a mesma” (BORN 1977, p.403). Olhando para o diálogo entre Maria e o anjo é evidente, no decorrer da anunciação, uma fala de entrega da parte de Maria ao pronunciar “faça-se em mim segundo tua palavra” (Lc 1,38), ou seja, Maria passa a viver conforme à vontade de Deus. Sobre esse episódio, a autora France Quèrè, menciona que “Maria responde como crente, e

Mesters, carmelita. **Reencantar-se com a esperança na vida**. Disponível em: <<https://gilvander.org.br/site/o-album-das-mulheres-contempladas-por-deus-na-biblia/>>. Acesso em 19 mai. de 2022.

¹¹ O Novo Testamento deixa claro que Jesus foi gerado pelo Espírito Santo no ventre de Maria quando ela ainda era virgem (Mt 1,18-25; Lc 1,26-56; 2,1-7). Mas a igreja apostólica jamais atribuiu a Maria qualquer função especial junto à comunidade dos crentes. No entanto, várias teorias especulativas a respeito de Maria começaram a se infiltrar no cristianismo pós-apostólico. Justino Mártir, Irineu e Tertuliano sugeriam que, como Eva havia sido a fonte do pecado e da morte, Maria trouxe a bênção da redenção ao mundo. Não demorou muito para que se consolidasse também a noção da perpétua virgindade de Maria. No Concílio de Éfeso (431), Maria foi declarada “mãe de Deus” (grego *Theotokos*), o que ajudou a estimular a crescente veneração da Virgem Maria através de cultos e orações a ela dedicados. Fonte: **Sinais dos Tempos**, setembro/outubro de 2003, p. 30. **Veneração de Maria**: Como surgiu o dogma católico da veneração de Maria? Alberto R. Timm. Disponível em: Centro de Pesquisas Ellen G. White <http://www.centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-e-respostas-biblicas/como-surgiu-o-dogma-catolico-da-veneracao-de-maria/>. Acesso em 19 mai. de 2022.

¹² A palavra discípulo deriva do latim *discipulus*, sendo que no primeiro século depois de Cristo, transmitia a ideia de aluno ou aprendiz. Essa palavra está estreitamente relacionada à ideia de “disciplina”. “Ela implica na exigência de que se renuncie a tudo” (DOCKERY, 2001, p. 634). A raiz verbal desse vocábulo vem do latim *discere*, que traduzido significa ensinar. Disponível em: Faculdade Cristã de Curitiba <<https://faculdadecristadecuritiba.com.br/2020/10/09/discipulado-segundo-jesus/>>. Acesso em 19 mai. de 2022.

não como apaixonada; Jesus nasce de uma profissão de fé” (QUÈRE, 1984, p.171). Ela coloca em primeiro lugar os anseios do Pai, o Mestre que instrui e forma o seu discípulo. Conforme a autora, Maria da Conceição F. E. de Sousa, será:

A partir da palavra anunciada pelo anjo e aceita por Maria, Jesus vem ao mundo e se faz gente como nós. Chegada a hora, Maria com água e sangue o introduz na vida, vai ensinando, educando, encorajando, guardando e meditando em seu coração tudo o que ela no seu segredo da sua intimidade com o Pai vai descobrindo do Filho, que é o seu filho, mas também é o Filho de Deus (SOUSA 2012, p.40).

Em Maria aparece a postura e a conduta de um bom discípulo, pois nela descobre-se a escuta, o acolhimento e os frutos da semente plantada. Ao fazermos uma leitura apurada na obra lucana fica notório que o evangelista acentua claramente essas qualidades na mãe de Jesus, tanto é, que para exercer o discipulado existem:

Três palavras-chave que resumem a condição de ser discípulo de Jesus: ouvir, acolher, frutificar. Com esse molde nas mãos, Lucas pinta os traços da figura de Maria. Mostra que ela tem exatamente as qualidades que caracterizam o seguir Jesus. Maria ouve a Palavra de Deus com fé, guarda no coração e a põe em prática (MURAD 2012, p.54).

Aprofundando mais e mais nesse assunto, o teólogo João Panazzolo, reforça que:

Maria é introduzida no mistério de Deus, no plano e desígnio divinos, mediante a encarnação de Jesus, na anunciação: “Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1,28). Esta graça, ou “bênção espiritual em Cristo” (Ef 1,3), Maria a recebeu de forma especial e excepcional, pois ela é “a bendita entre todas as mulheres” (Lc 1,42). Na linguagem bíblica, “a graça” significa um dom especial que tem sua fonte na vida trinitária do próprio Deus, que é amor. Maria é aquela escolhida, “antes da criação do mundo”, como aquela a quem o Pai escolheu para Mãe do seu Filho na encarnação, e, conjuntamente ao Pai, escolheu-a também o Filho, confiando-a eternamente ao Espírito Santo. Maria está unida à Trindade de um modo absolutamente especial e extraordinário. Maria é, por isso, missionária de Cristo, pois ela participa da missão redentora de Cristo, amada no “Filho muito amado”, vivendo em perfeita união com a Trindade, realizando plenamente a vontade do Pai na força do Espírito Santo (PANAZZOLO, 2019, p.38).

À vista disso, podemos conjecturar que Maria já estava predestinada a cooperar com o projeto Divino. Nela se acha a afinidade mais sublime entre o Mestre em relação com a sua aprendiz, O Mestre escolheu a sua pupila (cf. Lc 1, 28.42) ao comunicá-la que Ele estava com ela e que a mesma era a bendita entre todas as demais. Ao consentir com o Senhor, Maria adentra em um caminho de formação, a

discípula se põe em prontidão aos ensinamentos que lhe são comunicados. O fato dela aceitar e meditar tudo em segredo (cf. Lc 2,19) à submerge no seu discipulado e torna-se a primeira mulher missionária no que toca a realidade evangélica.

Um dos momentos mais visível do discipulado de Maria dar-se-á nas núpcias de Caná. Este evento narrado no evangelho de João é uma senda que nos transporta para uma profunda reflexão sobre a ação de Maria no papel de uma discípula atuante, discípula em questão, que está em constante movimento. Analisemos o relato das bodas de Caná:

No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galiléia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também. Ora, não havia mais vinho, pois o vinho do casamento havia acabado. Então a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho”. Respondeu-lhe Jesus: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou”. Sua mãe disse aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser.” Havia ali seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada uma contendo de duas a três medidas. Jesus lhes disse: “Enchei as talhas de água”. Eles as encheram até à borda. Então lhes disse: “Tirai agora e levai ao mestre-sala”. Eles levaram. Quando o mestre-sala provou a água transformada em vinho, ele não sabia de onde vinha, mas o sabiam os serventes que haviam retirado a água, chamou o noivo e lhe disse: “Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados serve o inferior. Tu guardas o vinho bom até agora!” Esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele. Depois disso, desceram a Cafarnaum, ele, sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, e ali ficaram apenas alguns dias (Jo 2,1-12).

Essa passagem é impressionante, pois ela nos remonta ao primeiro milagre de Jesus, a água que é transformada em vinho. Entretanto, fixando na figura de Maria como participante desse enredo, podemos enfatizar alguns elementos significativos da colaboração feminina no ministério de Cristo. O primeiro elemento é o sua discência no evento das bodas. Sobre esse assunto, o autor Valmir Chiarello, dirá que:

No episódio das Bodas de Caná, ela se revela como discípula: “Sua mãe disse aos serventes: ‘Fazei tudo o que Ele vos disser’” (Jo 2,5). Embora antes Jesus pareceria ter ficado alheio à preocupação de sua mãe com a falta de vinho, depois acaba por atender a sua vontade. No entanto, é ao Pai que busca obedecer: “Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4) (CHIARELLO, p.46).

Maria representa a mulher, mulher livre que tem acesso ao Senhor e que é segura para ditar e dirigir a palavra. Deve-se compreender que quem age não é a mãe do Senhor, mas sim, a mulher que aceitou ser discípula e decidiu-se pôr-se em missão

junto ao seu e aos demais discípulos. Maria sabia o que estava fazendo, isto é, ela estava atenta como uma boa aluna deve ser. Essa intervenção de Maria nos fala tanto que a autora Maria da Conceição F. E. de Sousa defende em sua tese “O papel da mulher no cristianismo primitivo: Uma leitura do quarto evangelho”. Diz ela:

Em Caná, Maria percebe que é chegada a hora. A hora de fazer o novo acontecer. A hora de fazer Jesus realizar o seu primeiro sinal e ela está ali, atenta, nada passa despercebido, assim como em Belém, chegada a hora, por meio da água transformada em vinho de especial sabor, ela antecipa a hora de sua entrega ao mundo, quando a glória de Deus vai se manifestar e os seus discípulos vão acreditar nele (SOUSA 2012, p.40).

As núpcias de Caná comprova que Maria cooperou avidamente com a ação de Jesus, nela aparece aquelas duas dimensões que o discípulo deve ter para introduzir-se na missão: o seguimento e o serviço. A discípula Maria segue os conselhos do seu filho (seguimento), e aplica o mesmo (serviço) (cf. Jo 2,5). Segundo a autora France Quéré, “Maria estimulada pelas palavras trocadas em voz baixa volta-se soberana para os empregados e pronuncia as palavras que rompem o segredo e fazem passar da confiança à palavra pública a missão de Jesus” (QUÉRÉ, 1984, p.184). Maria declara realmente: Fazei tudo o que ele vos dizer (cf. Jo 2,5), aqui nos deparamos com a discípula exercendo o seu ofício.

Por fim, “Maria então faz parte da família de Jesus não somente pelos laços de sangue, mas também porque é sua discípula e nisto consiste sua missão” (CHIARELLO, 2008 p.46). Missão que ela exerceu com bastante coragem e fidelidade tanto que esteve com o seu Mestre até o fim (cf. Jo 19,25-27). A esse respeito, o autor Valmir Chiarello enfatiza que: “A Mãe de Jesus, ao pé da cruz, torna-se modelo de discípulo ao lado do discípulo amado, que é o modelo para todos” (CHIARELLO, 2008 p.46). Maria foi aquela que abriu as portas para todas as demais que adotaram o seguimento de Jesus.

3.3 A DIACONIA DE MARTA

Estando em viagem, entrou num povoado, e certa mulher, chamada Marta, recebeu-o em sua casa (Lc 10,38).

Marta será outra presença extremamente importante no que tange a participação feminina dentro do projeto da salvação. Nessa realidade missionária, ela

exercerá o seu diaconado¹³ e declarará publicamente a sua fé em um episódio doloroso de sua vida (cf. Jo 11,21).

Pois bem, sabemos que Jesus tinha um carinho especial para com a família de Marta. Entre eles existem um laço fraterno (cf. Jo 11,5), vínculo este que é percebível nos episódios que envolvem tais personagens (cf. Lc 10,38-42; Jo 11,1-46) e que por sua vez, deixam transparecer uma certa intimidade da parte de ambos. Há entre eles uma forte reciprocidade, e por mais que “o servir era próprio da mulher no tempo de Jesus” (CHIARELLO, 2008 p.45), à primeira vista, Marta deve ser entendida como a discípula voltada totalmente para esse encargo. Marta é aquela que serve (cf. Jo 12,2) por meio de seus trabalhos (cf. Lc 10,40). Quando o evangelista João, capítulo doze versículo dois, expõe que “Ofereceram-lhe aí um jantar; Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele”, compreendemos qual é a missão de Marta, “pois Marta estava exercendo a diaconia, ou seja, estava servindo” (CHIARELLO, 2008 pp.44-45). Ela é a ação missionária.

Também observamos em Marta a disposição em acolher¹⁴ (cf. Lc 10,38). À vista disso, da mesma forma que Jesus refugia os necessitados, os seus discípulos, a exemplo Dele, necessitam ter valiosa virtude. Marta apresenta o seu discipulado fazendo a acolhida, tendo zelo com a sua visita. Conforme a autora Maria da Conceição F. E. de Sousa:

Nos evangelhos não aparece nenhum registro de que Marta e sua irmã, Maria, tenham seguido Jesus na sua caminhada itinerante pelas cidades e vilas da Palestina, entretanto, ficou registrado nos evangelhos, o seguimento delas no discipulado de Jesus, no compromisso, na acolhida amiga, na hospedagem em sua casa, para o descanso das caminhadas exaustivas da sua vida missionária itinerante. A casa de Marta e Maria era o lugar de repouso, o oásis, onde recuperava suas forças, para continuar suas andanças. Betânia, era a casa das discípulas e do discípulo que Jesus amava, pois como nos diz João: “Jesus amava Marta, e sua irmã e Lázaro” (Jo 11,5). (SOUSA, 2012 p.47).

¹³ Em sua primeira Encíclica sobre o tema do amor cristão, “Deus *Caritas Est*” (Deus é amor), o Papa Bento XVI nos ensina que a natureza íntima da Igreja tem um tríptico dever: o Anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), a Celebração dos Sacramentos (*leiturgia*) e o Serviço da Caridade (*diakonia*). *Diakoneó* – existe uma aproximação mais forte ao conceito de serviço de amor, pois significa literalmente servir, ministrar, administrar ou cuidar das necessidades dos outros. Disponível em: DIACONIA: uma breve introdução bíblica sobre a dimensão do serviço cristão. <<https://www.paulus.com.br/portal/diaconia-uma-breve-introducao-biblica-sobre-a-dimensao-do-servico-cristao/>>. Acesso em 20 mai. de 2022.

¹⁴ [...] Marta é a dona da casa que providencia o serviço da refeição (Jo 12,2; Lc 10,40). Bíblia de Jerusalém (p.1817 – 4ª impressão, 2006).

Ela não acolhe apenas Jesus, mas abriga em sua casa, em seu ser, os ensinamentos libertários do seu mestre, do seu amigo. No que concerne a esse ato de acolhida oferecido por Marta, a autora France Quéré, proferirá que “Jesus não é mera visita. Ele é o Messias [...] e Marta zela por sua subsistência” (QUÉRÉ, 1984, p.43). Ela sabe quem é Jesus de Nazaré como também sabe da árdua missão que o mesmo vivencia. Dessa forma, serve Aquele que veio para servir. Ela aprende com Jesus o seu discipulado. Na casa de Marta ocorre o encontro do mestre com a sua aprendiz.

Para Richter Reimer (*apud* PAULO, 2007, p. 52),

É possível entender a diaconia de Marta no seu sentido original e mais amplo, utilizado no cotidiano do contexto histórico-social da época: Marta tinha uma casa na qual hospeda Jesus. Essa casa também servia como espaço para a igreja, da qual Marta era liderança. Marta deve ter sido uma mulher muito procurada em sua casa-igreja para prestar serviços diaconais, anunciar e testemunhar o Evangelho.

Dessa forma, Marta representa um ponto de apoio para toda comunidade. Para o autor Romão Felisberto Joaquim Capossa:

A casa (*Oikos*¹⁵) não é só o lugar de abrigo, de preparar os alimentos, de tecer as roupas, de partilha, de festa, de cuidar dos doentes, mas também é um lugar de novas relações com os irmãos. É um espaço de inclusão, de respeito, de relações diversas, múltiplas, plurais e diferentes. É também um lugar “teofânico” porque nela Deus se revela e se manifesta (CAPOSSA, 2006, pp. 81-82).

Marta é tão grandiosa que ao lermos o texto de João capítulo onze, versículos de um a quarenta e seis, dado que nos atualiza como deu-se a ressurreição de Lázaro, irmão da discípula; abrangeremos que em meio a dor da perda (cf. Jo 11,14), ela opera majestosamente o seu discipulado. Analisemos:

“As duas irmãs mandaram, então, dizer a Jesus: Senhor, aquele que amas está doente” (Jo 11,3). Então, juntamente com a sua irmã Maria, Marta delega para que alguém comunique a Jesus o que se passa com o seu irmão. Esse ato assemelha-se muito com o da mãe de Jesus quando ela diz nas bodas de Caná, “Fazei tudo o

¹⁵ *Oikos* é uma palavra de origem grega e que pode ser traduzida para o português como “casa”, “ambiente habitado” ou “família”. Na Grécia Antiga, o *oikos* era o nome dado para a unidade básica de uma sociedade, formada pelo chefe, representado pelo homem mais velho, sua família (filhos e esposa) e seus escravos, que conviviam em um mesmo ambiente doméstico. Disponível em: Significados <<https://www.significados.com.br/oikos/>>. Acesso 22 jun. 2022.

que ele vos dizer” (Jo 2,5), nesse contexto, tais mulheres demonstram segurança e até mesmo autoridade em suas ações. Elas assumem o controle da situação, são decididas em seu proceder. “O retrato de Marta, que nos pinta o quarto evangelho (cf. Jo 11, 10-44) é extremamente positivo, ela é uma discípula de fé forte” (PAULO, 2007, p.57), tanto que quando Jesus regressa para a Judéia e encontra o seu amigo morto e sepultado (cf. Jo 11,17) Marta o questiona e com a resposta obtida por parte de Jesus ela demonstrará a sua fé. Diz o evangelista:

Quando Marta soube que Jesus chegara, saiu ao seu encontro; Maria, porém, continuava sentada, em casa. Então, disse, Marta a Jesus: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, ele te conceberá”. Disse-lhe Jesus: “Teu irmão ressuscitará”. “Sei, disse Marta, que ressuscitará na ressurreição, no último dia!” Disse-lhe Jesus: “Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá. Crês nisso? Disse ela: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo”. (Jo 11 20-27).

Sobre essa passagem, o autor Bernardo Corrêa d’Almeida elucida que quando:

Jesus pergunta a Marta: “Acreditas nisso?” (11,26). Marta acredita de tal modo, que, parecendo esquecida do que tinha pedido a Jesus, tudo o que pudesse desejar encontra nele: o Senhor, o Cristo, o Filho de Deus, o Enviado, a Ressurreição e a Vida (cf. 11,27; 20,31). Marta encontra a Ressurreição e a Vida diante do seu olhar, no tempo presente, como a realidade mais evidente e segura da sua existência (ALMEIDA, 2012 p.190).

O creio de Marta, demonstra que essa discípula faz uma profissão de fé antes mesmo de ver o sinal da ressurreição de Lázaro, “A profissão de fé de Marta (cf. Jo 11,27) é um dos momentos altos do quarto evangelho. E o fato de ser ela que professa a fé e não um homem, isso significa muito e revela o papel que as mulheres possuíam nas comunidades” (ESTÉVEZ, p.70). De uma forma pública, a mulher reconhece a divindade de Jesus e abertamente diz que crer no Cristo. Isso só deveria partir de uma discípula forte, temente e ativa. Em Marta descobrimos o modelo de fidelidade. Marta foi uma grande discípula, uma mulher que serviu e anunciou por meio de sua postura a grande diácona que professa a fé na ressurreição.

3.4 O APOSTOLADO EM MARIA MADALENA

Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor”, e as coisas que ele lhe disse (Jo 20,18).

Entendendo a idéia de apostolado¹⁶ como aquele que carrega uma mensagem a ser transmitida e ao analisarmos o procedimento de uma mulher chamada Maria Madalena ou Maria de Magdala¹⁷, descrita no evangelho de João capítulo vinte, versículos de um a dezoito, podemos compreender o porquê da mesma ter sido intitulada a apóstola dos apóstolos¹⁸. Adentremos no apostolado dessa imponente mulher.

Quando o evangelista Lucas narra sobre as companhias femininas de Jesus (cf. Lc 8, 1-3) ele faz menção que dentre tais seguidoras existia uma em especial que o Messias retirará sete demônios (cf. Lc 8, 2). Após esse milagre e tendo a cura obtida, Maria Madalena passa a seguir o Senhor abraçando dessa forma o discipulado de Cristo. Maria Madalena é uma discípula que está presente em momentos marcantes no ministério de Jesus e, por conta desse fato, pode-se reconhecer em Maria Madalena uma mulher itinerante. Vemos nela a discípula que vai e que corre (cf. Jo 20,1-2). Encontramos nela o agir missionário. Sobre a missão de Madalena e acerca de sua presença nas escrituras, o autor, Romão Felisberto Joaquim Capossa, aponta que:

No quarto evangelho seu nome está ligado à paixão e à ressurreição de Jesus (cf. Jo 19,25; 20, 1.11-18). Também os sinóticos falam de Madalena nessa ocasião, embora Lc 8,3 seja exceção. Maria Madalena era, provavelmente, mulher auto-suficiente, administradora dos seus bens. Decidiu seguir Jesus. E segundo os sinóticos, teria sido livre dos sete espíritos (cf. Lc 8, 1-3). A primeira referência de Maria Madalena pelo quarto evangelho é feita na hora trágica em que Jesus estava suspenso na cruz (cf. Jo 19,25). Ainda nesse

¹⁶ Do Latim *APOSTOLUS*, do Grego *APOSTOLOS*, “mensageiro, pessoa enviada à frente”, de *APOSTELLEIN*, “enviar, mandar na frente”, formada por APO-, “de”, + *STELLEIN*, “mandar, enviar”.

¹⁷ Citada nominalmente 17 vezes na Bíblia, Maria Madalena, ao que tudo indica, era uma entre tantas pessoas que se encantaram com as pregações de Jesus e passaram a segui-lo. A principal pista sobre sua origem está no nome: originalmente, Maria de Magdala, ou seja, nascida em Magdala, uma vila de pescadores próxima ao Mar da Galileia, localizada a 10 km de Cafarnaum, a cidade que foi a base de Jesus na vida adulta. Disponível em: VEIGA, Edison. **O mistério sobre quem realmente foi Maria Madalena**. 2018. <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43381775>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

¹⁸ Madalena é celebrada pela Igreja Católica no dia 22 de julho, com festa litúrgica, a pedido do Papa Francisco, que em 2016 a declarou apóstola dos apóstolos, recordando esse título que foi dado a ela pelo teólogo Hipólito de Roma (178- 236) e retomado por Santo Tomás de Aquino (1274). Fonte: Prof. Dr. Frei Jacir de Freitas Faria, OFM (2020). **O amor na vida de Maria Madalena**: uma mulher além do seu tempo e não prostituta! Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/vidacrista/o-amor-na-vida-de-maria-madalena-uma-mulher-alem-do-seu-tempo-e-nao-prostituta/#gsc.tab=0>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

momento marca a sua presença e manifesta a sua união com Jesus, mesmo se o estar junto a cruz seja perigoso, pois a solidariedade com os condenados a morte de cruz podia trazer suspeita de cumplicidade com eles. Mas Maria Madalena parece ignorar o perigo que incorria. Na verdade, ela era cúmplice. Madalena ainda quer servir Jesus mesmo depois de morto: vai ao túmulo ainda cedo, ou seja, de madrugada (cf. Jo 20,1). Dada a sua cumplicidade com Jesus, torna-se protagonista do anúncio dos acontecimentos do primeiro dia da semana: a ressurreição de Jesus. Os evangelhos concordam em dizer que foi a primeira a quem o ressuscitado apareceu (cf. Mc 16,9-10; Jo 20,10-11.13.18; Mt 28,1-10; Lc 24,9-10). (CAPOSSA, 2006, p. 86).

A citação acima nos remonta a uma breve colocação feita pela jornalista e historiadora Lucetta Scaraffia¹⁹ atribuída a Maria Madalena. Para a autora, “Madalena representa o amor e a dedicação totais a Jesus, e que a importância do amor é o centro da mensagem cristã” (SCARAFFIA, 2016 p.85). Em outras palavras, ela quer dizer que Maria Madalena entendeu completamente a mensagem de Cristo²⁰ (cf. Lc 4, 18-19) e, em tal personagem, nos deparamos com a verdadeira adesão ao seguimento de Cristo. Maria Madalena, como outras discípulas, se entrega integralmente ao amor que cura, perdoa e liberta. Ela própria é o fruto dessa mensagem, isto é, é uma mulher corajosa e ao mesmo tempo uma discípula que não tem receio de expor os seus sentimentos para com o seu Mestre (cf. Jo 20, 11.15; Jo 19,25). Isso tudo se acontece pelo fato dela amar o seu Senhor, ou seja, ela é a ovelha que não se afasta e que não foge em meio ao perigo. A autora Lucetta Scaraffia segue dizendo que:

Maria Madalena, depois de Maria, é a mulher mais importante do Evangelho, porque é a primeira testemunha da ressurreição. Seu encontro com Jesus ressuscitado também revela a estreita relação que existia entre ela e Jesus, uma relação de discipulado e amor intenso, que provocou, muitas vezes, desconforto nos comentadores. Muitos comentaristas, mais antigos, procuravam até justificar o fato de que Jesus depois da ressurreição tenha aparecido para ela, e não para sua mãe, para dar a boa notícia (SCARAFFIA, 2016 p.85).

A aparição do Senhor a Maria Madalena (cf. Jo 20, 11-18) será o ápice que a colocará no nível dos apóstolos, pois foram os olhos femininos que primeiro fitaram o Senhor ressuscitado, foram os ouvidos de uma mulher que escutaram a primeira

¹⁹ A apóstola da dedicação e do amor integral. Lucetta Scaraffia é jornalista, historiadora e professora da Universidade *La Sapienza* de Roma. É a primeira colunista do *L'Osservatore Romano*, o jornal da Santa Sé, e dirige o suplemento “Mulheres, Igreja, Mundo” do jornal. Ela se ocupa da história das mulheres e de história religiosa, e escreveu diversas obras sobre religiosidade feminina.

²⁰ Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor.

mensagem pós ressuscitamento e foi uma discípula, uma mulher, que fará o *Kerigma* da ressurreição. “Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor”, e as coisas que ele lhe disse” (Jo 20,18). Para o professor de Novo Testamento na Boston College School of Theology and Ministry, Thomas Stegman:

María Madalena desempenha um papel essencial na proclamação da boa nova de que Jesus ressuscitou dos mortos. Esse é o papel dela, e é um papel privilegiado. Em Mateus, Marcos e João, o Jesus ressurreto encarrega Maria Madalena de dizer aos discípulos (do sexo masculino) que Jesus ressuscitou. É interessante que Paulo entenda como “apóstolo” uma pessoa com quem o Senhor ressurreto se encontra e a quem ele dá uma missão específica. Maria Madalena certamente se encaixa nessa definição de apóstolo. Por causa de seu testemunho, ela é, com razão, chamada de “apóstola dos apóstolos” (STEGMAN, 2016, pp.88-89).

María Madalena é uma apóstola tão impressionante que no momento do seu diálogo com o Senhor ressuscitado, quando Ele exclama o seu nome, “María!”, ela o reconhece e de imediato exclama “*Rabbuní²¹!*” (cf. Jo 20,16). Ela não o chama de *Rabi*, nesse andamento, Madalena compreende que está perante do grande e excelso Mestre. Após esse encontro, María Madalena foi anunciar (cf. Jo 20,18) e, colocando-se em missão, será ela “a primeira enviada a anunciar aos “irmãos”, aos discípulos que Jesus vive” (CAPOSSA, 2006, p. 86). Somando a isso, além de ser enviada, será ela a portadora da mensagem do Senhor. Eis aí o apostolado da primeira apóstola, María de Magdala, a missionaria da ressurreição.

²¹ Tratamento mais solene do que Rabi e, muitas vezes, usado quando se dirige a Deus. Ela se aproxima, portanto, da profissão de fé de Tomé (v.28) – Bíblia de Jerusalém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que as mulheres não foram chamadas de forma individual a exemplo dos homens (apóstolos) por Jesus Cristo, as mesmas se sentiram inclusas e acolhidas ao cruzarem com o Messias. Concluindo esta etapa de pesquisa, este trabalho apresentou pontos relevantes sobre o desempenho e a colaboração das mesmas no que se refere ao Anúncio do Reino dos Céus. Elas diferentemente dos discípulos que até chegaram a questionar o Senhor sobre quem seria o maior no reino dos céus (cf. Lc 9,46,47; Mt 18,1; Mc 9,33; Lc 22, 24) caminharam ausentes de debates e conflitos, e com muita disposição seguem fielmente o Senhor ao se pôr a serviço e em despojamento (cf. Lc 8,1-3) sem temer o perigo que rodeavam os seguidores de Cristo. Desta forma, foi analisado que a mulher desempenhou um papel importantíssimo dentro da comunidade instaurada por Jesus (cf. Mt 22,39) ao vivenciarem efusivamente a proposta do amor fraterno (cf. Jo 13,34-35) a vida missionária.

É nítido que no decorrer da leitura que o conceito de missão deve ser compreendido por duas vias: uma espiritual e de visão hermenêutica. A primeira na qual o próprio Jesus ao fazer a vontade do Pai entra na obediência e é enviado, demonstrando dessa forma que a missão nada é mais do que o anseio de Deus. A outra via trabalha na concepção de missão que estará pautada totalmente na ideia de envio, em que a missão do missionário é portar uma mensagem a ser transmitida. Jesus, na condição de servo obediente, será o reflexo da missão por meio de seus atos e postura. Jesus é a força geradora que impulsionaram os homens e as mulheres a fazerem o *kerigma*.

Quanto ao desempenho feminino dentro do contexto missionário, foi estudado que a mulher, sendo refém de uma estrutura que as desqualificavam por completo, foram vistas e ouvidas pelo Mestre e incorporadas ao círculo de amizades de Jesus. Elas se sentiram livres da repressão e do silenciamento. Rompendo com a barreira que as fadavam a inércia, a mulher se colocará na condição de discípulas de Jesus. O ato das mesmas seguirem o Senhor sem que ocorra um “segue-me”, só demonstram que elas acreditavam verdadeiramente na mensagem do Ungido, e prontamente colocaram-se em missão, na condição de discípulas, exercendo a diaconia e até mesmo o apostolado. Nessa atmosfera feminina e missiológica, a

mulher deve ser vista como as grandes colaboras de Jesus na realização da missão, pois até o presente momento, foi analisado que elas estão sempre em movimentos ao serem ativas e determinadas. Elas abraçaram verdadeiramente o projeto de Deus.

No que toca a construção dessa obra, foram utilizados algumas bibliografias que abordam a realidade missiológica como também a dimensão feminina no que se refere ao cristianismo primitivo. Logo, tais biografias perpassam pelas áreas teológicas, antropológicas, históricas e sociológicas, e desse modo, essas obras situam o leitor no tempo e espaço da época estudada e que por sua vez evidenciam como era o cotidiano das mulheres no tempo de Jesus.

Por fim, o trabalho desenvolvido dará ênfase a duas realidades, a saber, a missão e a mulher. A mulher será colocada como protagonista e como colaboradora para a realização da missão. Tal trabalho é de uma rica significância, que pode ser o primeiro degrau para uma futura e vasta pesquisa sobre como a figura feminina é representada no Antigo e Novo Testamento, e até mesmo, como a mulher é vista e colocada dentro da história e da historiográfica do cristianismo até o momento hodierno, seja no âmbito teológico, histórico, antropológico e sociológico. Mais do que uma busca de aprofundamento do estudo teológico a pesquisa possibilitou, a mim historiador e filho de um ambiente feminino que a mulher possui seu destaque de atuação desde os primórdios até hoje como atuantes vivas na proposta de missão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas no início do cristianismo**. São Paulo, SP: Ed. Hagnos, 2017.
- ALMEIDA, B. C. A ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-46): da doença à morte. Da morte à vida. **Revista Humanística E Teologia**. v.33, n.2, Porto – PT /Jul, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/issue/view/543>> Acesso em: 21 mai. 2022.
- ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.
- BATTISTINI, F. **Cristo Total: identificação de Jesus com sua Igreja**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BINGEMER, M. C. **Masculinidade e feminilidade: Duas faces do mistério de Jesus Cristo**, *Concilium: Revista Internacional de teologia*, n. 326, 2008/3, pp. 45-56.
- BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.
- BORN, Dr. A. Van Den. **Dicionário enciclopédico da bíblia**. 3. ed. Tradução de Frederico Stein. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1977.
- CAPOSSA, Romão Felisberto Joaquim. **A mulher na comunidade do discípulo amado e sua dinâmica evangelizadora, a partir de João 4,1-43: Tendo Em Conta Os Aspectos Sociais, Políticos, Económicos E Religiosos**. Tese (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia Instituto Ecumênico De Pós-Graduação Em Teologia, São Leopoldo, RS, 2006. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Mestre/Capossa_rfj_tm136.pdf> Acesso em: 21 mai. 2022.
- CHIARELLO, Valmir. **Marginalizados no quarto Evangelho: da ação de Jesus à missão da Igreja na América Latina**. Tese (Mestrado em Teologia) –Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, p. 110. 2008. Disponível em: <<https://file:///C:/Users/Paz%20e%20Bem!/Desktop/TCC%20-%20Frei%20Vanderlei/MARGINALIZADOS%20NO%20QUARTO%20EVANGELHO.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2022.
- CNBB. **Documento-base da Campanha da Fraternidade de 2022**. Fraternidade e Educação – Fala com sabedoria, ensina com educação: Campanha da fraternidade 2022, Texto-Base. 1ª Ed. 2021. Brasília, DF.

COPPI, Padre Paulo de. **Por uma Igreja toda missionária: Breve curso de missiologia.** 11ª edição – Florianópolis, SC: Paulus, 1994.

COMBLIN, José. **Teologia da Missão.** 2ª edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

DECRETO CONCILIAR *AD GENTES*. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.** 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DOCKERY, D. S. **Manual Bíblico Vida Nova.** São Paulo: Edições Vida Nova, 2001. p. 634.

ESTÉVEZ, Elisa. **A mulher na tradição do discípulo amado.** In: RIBLA: A Tradição do Discípulo Amado: Quarto Evangelho e Cartas de João. Petrópolis: Vozes, 1994.

FABRIS, Rinaldo. **Jesus de Nazaré: História e Interpretação.** São Paulo: Loyola, 1988.

GNILKA, Joachim. **Jesus de Nazaré: mensagem e história.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no Tempo de Jesus.** São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica *Redemptoris missio*** (Sobre a validade permanente do mandato missionário). São Paulo: Loyola, 1991.

JOHNSON, E. A. **Aquela que é: o ministério de Deus no trabalho teológico feminino.** Tradução Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1995.

K. Rahner, **Chistologie:** Systematisch und Exegetisch, Friburgo, 1972, p.29.

KESLLER, R. **História social do antigo Israel.** Tradução Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 2009.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

THEISSEN, G.; MERZ, A. **O Jesus Histórico: um manual.** São Paulo: Loyola, 2002.

MESTERS, Carlos. **Reencantar-se com a esperança na vida.** CEBI: Centro de Estudos Bíblicos - 2018. Disponível em <<https://cebi.org.br/artigos-e-reflexoes/reencantar-se-com-a-esperanca-na-vida-frei-carlos-mesters/>> Acesso em: 28 mar. 2022.

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana: Compêndio de mariologia –** São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012. – (Coleção peregrina na fé).

NEVES, Eliete Silva Pereira das. **Caderno de Estudos: Missiologia/ Eliete Silva Pereira das Neves.** Centro Universitário Leonardo da Vinci. – Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

NETO, Willibaldo Ruppenthal. **O Reino de Deus na Pregação de Jesus**. Revista Via Teológica. FABAPAR/PUBLICAÇÕES/BLOG. v. 21, n. 42, dez. 2020. Disponível em: <<https://www.fabapar.com.br/blog/o-reino-de-deus-na-pregacao-de-jesus/>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

PAGOLA, J. A. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2010.

PANAZZOLO, João. **Missão para todos**: introdução à missiologia / João Panazzolo. – 2. ed. -- São Paulo: Paulus, 2019. Coleção Teologia sistemática.

PAULO, Maria Oliveira. **A diaconia de Marta e de Febe**: um estudo de Lc 10, 38-42 e Rm 16, 1-2 / Maria Oliveira Paulo. – 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Mestrado em Ciências da Religião, 2007.

PEARLMAN, M. **João**: o evangelho do filho de Deus. Rio de Janeiro, CPAD: 1995.
PINTO, Sionite Sandra P. Frizzas; ARTUSO, Vicente. **A condição das mulheres nos tempos de Jesus e sua inclusão como participante do Reino sob a perspectiva Joanina**. RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 02, n. 02, p. 1-8, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/35565/21956>> Acesso em: 21 mar. 2022.

QUÉRÉ, France. **As mulheres do Evangelho**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.
REIMER, Ivoni Richter. **Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja**. São Paulo, SP: Ed. Paulinas, 1995.

RITSCHL, Albrecht. **The Christian Doctrine of Justification and Reconciliation**. New York/Edinburgh, Scribner's Sons/T&T Clark, 1900. Disponível em: <<https://md.uninta.edu.br/geral/curso-teologia/correntes-teologicas/mobile/index.html#p=78>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

RUBIO, Afonso Garcia. **O encontro com Jesus Cristo vivo**: um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulinas, 2003.

SCARAFFIA, Lucetta. A apóstola da dedicação e do amor integral. Entrevista com Lucetta Scaraffia. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 18 de julho de 2016 | edição n.489, Ano XVI, pp.85-87. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao489.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SOBRINO, Jon S.J. **Cristologia a partir da América Latina**: Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico. Petrópolis: Vozes, 1983.
SOUZA, Maria da C. F. Evangelista. **O papel da mulher no cristianismo primitivo**: uma leitura do quarto evangelho. São Leopoldo, EST/PPG: 2012.

STEGMAN, Thomas. Um novo pensar sobre a mulher pelo reconhecimento de Madalena. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 18 de julho de 2016 | edição n.489, Ano XVI, pp.88-89. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao489.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2022.